



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Alice Sabino de Oliveira

Memória e coexistência arquitetônica: reconstrução histórica do complexo jesuítico Centro
Santa Fé, em São Paulo.

PAU DOS FERROS

2024

Alice Sabino de Oliveira

Memória e coexistência arquitetônica: reconstrução histórica do complexo jesuítico Centro Santa Fé, em São Paulo.

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros, Prof. Dr.

PAU DOS FERROS

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

048 m Oliveira, Alice Sabino de.
Memória e coexistência arquitetônica:
reconstrução histórica do complexo jesuítico Centro
Santa Fé, em São Paulo / Alice Sabino de
Oliveira. - 2024.
112 f. : il.

Orientador: Gabriel Leopoldino Paulo de
Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2024.

1. Memória. 2. Jesuíta. 3. História. 4.
Reconstrução. 5. Arquitetura. I. Medeiros, Gabriel
Leopoldino Paulo de, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

**Memória e coexistência arquitetônica: reconstrução histórica do complexo jesuítico
Centro Santa Fé, em São Paulo.**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel Arquitetura
e Urbanismo.

Defendida em: 26 / 03 / 2 025.

BANCA EXAMINADORA

Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Anna Cristina Andrade Ferreira, Profa. Dra. (UFERSA)
Membro Examinador

Damião Esdras Araújo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, que se dedica à memória e à coexistência arquitetônica do Complexo Jesuíta Centro Santa Fé, em São Paulo, não seria possível sem o apoio, o amor e a dedicação de inúmeras pessoas que fizeram parte da minha vida e da minha história pessoal e acadêmica. Ao longo da minha jornada, o Centro Santa Fé foi mais do que um simples espaço; ele foi o primeiro lugar onde reconheci o verdadeiro significado de lar, e por isso, este trabalho é uma homenagem a tudo o que aquele local representou para mim e para todos que ali viveram e conviveram.

A reconstrução histórica deste espaço é também uma maneira de manter viva a memória de todas as experiências e afetos que ali compartilhei. Gostaria de começar expressando minha mais sincera gratidão à minha família, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando em todos os momentos e contribuindo para a realização deste trabalho. Sem o amor, a paciência e o apoio incondicional de cada um de vocês, este TCC não teria sido possível.

Este trabalho é também um reflexo da força e união da minha família, que se faz presente de todas as formas, desde o início até a conclusão deste processo. Agradeço especialmente ao Luciano Fritzen, que com generosidade me ajudou a conseguir o antigo projeto do Centro Santa Fé, documento essencial que se tornou parte da alma deste trabalho. Sem o seu apoio, a profundidade e a autenticidade dessa pesquisa não teriam sido as mesmas.

Não poderia deixar de mencionar o Padre Carlos Fritzen, uma pessoa que guardo com muito carinho no meu coração. Ele sempre estará presente nas memórias da minha família e, com certeza, também no Centro Santa Fé, pelos anos de dedicação e trabalho que ali desempenhou. Sua presença é uma parte vital da história daquele lugar, e tenho certeza de que sua luz ainda brilha entre todos que passaram por ali.

Quero agradecer também a todos que fizeram parte da obra social que o Centro Santa Fé ainda é hoje, e que, de alguma forma, contribuíram para a construção de um espaço de acolhimento, amor e solidariedade. A Sarah Cazela, a Magda, o André Magaiver, ao Fernando, a Nete Rosa, ao Eurico Lima e o Nivaldo Santos — todos, sem exceção, foram mais do que amigos, foram uma verdadeira família para mim e minha família durante o tempo em que estive no Centro.

Mesmo tendo apenas 12 anos na época quando me mudei para o Rio Grande do Norte, as lembranças e o carinho que compartilhei com essas pessoas permanecem vivas e presentes em minha memória, assim como a memória do querido Padre Miguel Elosua, falecido, e de tantos outros membros do Centro Santa Fé.

O povo de lá sempre foi uma grande parte da força e da energia daquele lugar, e sou imensamente grata por tudo o que vivi e aprendi com todos eles. Agradeço também Aa pessoas que faziam o Vila Gonzaga funcionar, eles se tornarem uma verdadeira família para mim e minha família, enquanto morávamos no Centro Santa Fé. Vocês tornaram a experiência ainda mais especial e repleta de afeto, e tenho muita gratidão por cada um de vocês.

No contexto acadêmico, meu mais sincero agradecimento aos meus colegas de curso. Durante esses longos cinco anos, vivemos juntos as dificuldades, as conquistas e os aprendizados, e o apoio de cada um de vocês foi fundamental para o meu crescimento e para a realização deste trabalho. Nada fazemos sozinhos, e sou profundamente grata pela amizade, pelos conselhos e pela colaboração que sempre encontrei em cada um de vocês.

Quero dedicar uma parte especial deste trabalho a família Dantas, pessoas que a faculdade me trouxe e que tornaram os meus dias de curso mais leves e cheios de significado. Vocês, tornaram-se uma verdadeira família para mim, sempre oferecendo risadas e a força necessária para seguir em frente. Sou eternamente grata por cada um de vocês, pelas memórias que criamos juntos e pelo apoio constante que sempre encontrei.

Não posso deixar de agradecer também aos professores do curso de Arquitetura, que com sua dedicação e paixão pela profissão continuam a fazer a arquitetura no interior do país prosperar. Em especial, agradeço ao Professor Gabriel Leopoldino, meu orientador, que, com sabedoria e generosidade, me orientou ao longo de todo o processo de elaboração deste trabalho. Seu exemplo de compromisso com a pesquisa acadêmica e com o ensino da arquitetura foi uma fonte constante de inspiração para mim ao longo da graduação, e sou imensamente grata por sua orientação, que me ajudou a moldar este TCC.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, meu mais sincero e profundo agradecimento. Este TCC não é apenas uma pesquisa acadêmica, mas uma forma de homenagear a memória de um lugar que, embora tenha sido perdido, permanece eternamente vivo em minha história e nas memórias de todos que compartilharam daquele espaço. O Centro Santa Fé foi e sempre será uma parte significativa da minha vida.

“Reconstruindo a história, resgatando a
cidadania”¹

Centro Santa Fé, [S.d]

¹ O trecho referenciado, faz menção a antiga logomarca do Centro Santa Fé, presente em camisetas e diversos outros objetos da obra social.

RESUMO

O Centro Santa Fé, obra social jesuíta, localizado em São Paulo, ilustra como o avanço urbano pode entrar em conflito com a conservação de espaços históricos e de memória coletiva. O antigo complexo que abrigava essa instituição foi demolido em 2020, e este estudo tem como objetivo reviver a memória histórica e arquitetônica desse local, que teve um impacto significativo para a região do Morro Doce, bairro da zona noroeste de São Paulo, partindo da memória coletiva dos viventes do antigo espaço. Suas atividades educacionais e de acolhimento, desenvolvidas em um terreno espaçoso e arborizado, marcaram a vida de muitos, incluindo a autora, que morou no local por 12 anos, enquanto seus pais contribuíam para as atividades do Centro por 16 anos. Essa experiência pessoal despertou o interesse da autora em fazer um resgate da memória do Centro. A questão principal abordada neste trabalho é a linha tênue entre o crescimento urbano e a conservação de espaços com valor histórico e social, que muitas vezes são descartados em nome de novos empreendimentos, como foi o caso do Centro Santa Fé. O objetivo central da pesquisa é reconstruir a história do Centro Santa Fé, através da análise de sua arquitetura e das atividades realizadas ali. A pesquisa se baseia em conceitos como memória coletiva, lugares de memória e identidade local, com fundamentação nas obras de Maurice Halbwachs e Reginaldo Gonçalves. A metodologia adotada foi qualitativa, envolvendo revisão bibliográfica, análise de fontes digitais, entrevistas e aplicação de questionário por meio de formulário online às pessoas que vivenciaram o antigo Centro, além de levantamento de documentos arquitetônicos. Também, foram analisadas plantas e fotos antigas para documentar as transformações ocorridas no complexo ao longo do tempo. Este trabalho também reflete sobre a fragilidade dos lugares de memória diante da pressão de mudanças urbanas e o risco de perda irreparável de lugares com grande valor para as comunidades. A partir dessa reflexão, busca-se discutir maneiras de integrar o antigo e o novo, dentro do contexto de um desenvolvimento urbano equilibrado. Este estudo contribui para o debate sobre a importância da arquitetura na formação da identidade e memória coletiva, além de prestar uma homenagem ao Centro Santa Fé e sua relevância para a população local. A pesquisa também destaca a necessidade de políticas públicas que promovam a integração entre preservação do patrimônio histórico e expansão urbana.

Palavras-chave: memória; jesuítas; lugares de memória; reconfiguração urbana; demolição; arquitetura

ABSTRACT

The Centro Santa Fé, a Jesuit social work located in São Paulo, illustrates how urban expansion can conflict with the preservation of historical spaces and collective memory. The former complex that housed this institution was demolished in 2020, and this study aims to revive the historical and architectural memory of this location, which had a significant impact on the Morro Doce area, a neighborhood in the northwestern zone of São Paulo, based on the collective memory of those who lived in the old space. Its educational and welcoming activities, developed on a spacious and tree-lined plot of land, marked the lives of many, including the author, who lived there for 12 years while her parents contributed to the activities of the Center for 16 years. This personal experience sparked the author's interest in retrieving the memory of the Center. The central issue addressed in this work is the fine line between urban growth and the preservation of spaces with historical and social value, which are often discarded in favor of new developments, as was the case with Centro Santa Fé. The main objective of the research is to reconstruct the history of Centro Santa Fé by analyzing its architecture and the activities carried out there. The research is based on concepts such as collective memory, places of memory, and local identity, drawing on the works of Maurice Halbwachs and Reginaldo Gonçalves. The methodology adopted was qualitative, involving literature review, analysis of digital sources, interviews, and the application of a questionnaire through an online form to people who experienced the former Center, in addition to the collection of architectural documents. Old blueprints and photographs were also analyzed to document the transformations that occurred in the complex over time. This work also reflects on the fragility of places of memory in the face of the pressure of urban changes and the risk of the irreversible loss of places with great value to communities. From this reflection, the aim is to discuss ways to integrate the old and the new within the context of balanced urban development. This study contributes to the debate on the importance of architecture in the formation of identity and collective memory, as well as paying tribute to Centro Santa Fé and its significance for the local population. The research also highlights the need for public policies that promote the integration of historical heritage preservation and urban expansion.

Keywords: memory; Jesuits; places of memory; urban reconfiguration; demolition; architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espaço Centro Santa Fé antes e depois.	16
Figura 2 - Autora e sua família 2006, na antiga produção de abelhas do Centro.....	17
Figura 3 - Diagrama de Garcia.....	28
Figura 4 - Morro do Castelo antes da demolição.....	30
Figura 5 - Caracterização da Igreja.	38
Figura 6 - Caracterização Residência/Portaria.	39
Figura 7 - Reforma da residência/portaria.....	40
Figura 8 - Caracterização bloco de aulas e dormitório em 1966.	41
Figura 9 - Caracterização do bloco auditório.	42
Figura 10 - Caracterização bloco de serviços.....	43
Figura 11 - Caracterização ala funcional.....	45
Figura 12 - Faculdade Nossa Senhora Medianeira de Nova Friburgo.	49
Figura 13 - Página 03 da apresentação do parecer técnico Parecer Técnico nº 005/CADES/2020.	57
Figura 14 - Projeto concluído.....	59
Figura 15 - Festa Junina no Centro Santa Fé.	62
Figura 16 Diagrama de espaços e símbolos da memória coletiva.....	67
Figura 17: Diagrama das sensações da demolição.	68

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Localização do Centro Santa Fé.....	14
MAPA 2 - Zonas e subprefeituras de São Paulo.....	15
MAPA 3 - Distrito Anhanguera e Perus.....	33
MAPA 4 - Zoneamento do antigo espaço do Centro.	34
MAPA 5 - Disposição atual do espaço do Centro.....	35
MAPA 6 - Edifícios do complexo.....	36
MAPA 7 - Prédios da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira.	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Morro do Castelo após demolição.	31
Quadro 2 - Interligação dos blocos do antigo Centro Santa Fé.	37
Quadro 3 - Capela Centro Santa Fé.	44
Quadro 4 - Local onde o Centro funcionou a partir de 2019.	51
Quadro 5 - Algumas das atividades realizadas no Centro Santa Fé.	55
Quadro 6 - Algumas das atividades realizadas na Vila Gonzaga.	55
Quadro 7 - Demolição e construção do centro logístico.	58
Quadro 8 - Atual Centro Santa Fé.	60
Quadro 9 - Perfil dos entrevistados e respondentes	61
Quadro 10 - Registros de lembranças da entrevistada S.C.	65
Quadro 11 - Registros de lembranças da entrevistada M.M.	67

SUMÁRIO

1 Introdução	14
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	21
2.1 Memória coletiva, memória individual e protomemória	21
2.2 Espaços de memória: a preservação e a identidade comunitária.....	22
2.3 O preço da reconfiguração urbana capitalista	23
2.4 Paisagem: materialidade e simbolismo.....	25
2.5 Coexistência e transformação: por uma arquitetura que dialoga com o passado	26
2.6 A perda da singularidade.....	28
3 Caracterização do antigo espaço.....	33
4 História do centro	47
5 Atividades do centro	54
6 Demolição	57
7 Entrevistas.....	61
8 Considerações finais.....	69
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE	47
ANEXOS.....	100

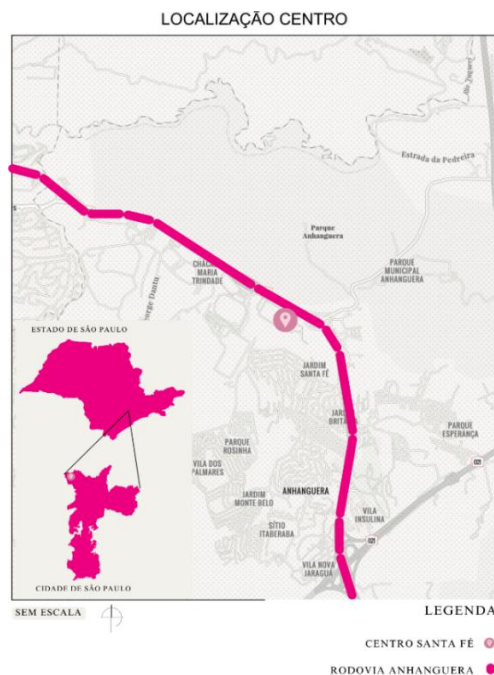
1 INTRODUÇÃO

O crescimento urbano, embora inevitável, deve ser conduzido com sensibilidade e respeito, para não comprometer o patrimônio histórico que definem e fortalecem a identidade de uma comunidade. Esse processo, quando feito sem o devido planejamento, pode resultar na perda irreparável de marcos históricos e culturais, afetando não apenas a paisagem urbana, mas também a memória coletiva dos habitantes.

Neste sentido, o antigo complexo de edificações onde funcionava o Centro Santa Fé, na cidade de São Paulo, emerge como o ponto focal para este estudo, simbolizando os impactos dessas transformações e contribuindo para a discussão sobre a necessidade de um olhar mais atento sobre o futuro das cidades.

O Centro Santa Fé é uma obra social, que atende jovens de 12 a 17 anos. Faz parte da Companhia de Jesus², ordem religiosa da igreja católica, atuando entre turnos na educação de jovens da periferia do bairro Morro Doce, zona noroeste da cidade de São Paulo.

Mapa 1 - Localização do Centro Santa Fé.



Fonte: Adaptado do IBGE (2024)

² “A Companhia de Jesus foi uma ordem religiosa católica fundada em 15 de agosto de 1534 por Inácio de Loyola e seis colegas, então estudantes em Paris. [...] os jesuítas se mostraram grandes opositores da escravização indígena, além de terem dado contribuições para o estudo de suas línguas.” (GOMES, Larissa. **Fundação da Companhia de Jesus**. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas universidade de são paulo, 2023. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/110879>. Acesso em: 29 jan. 2025.)

O bairro Morro Doce é dividido pela importante rodovia Anhanguera que “conecta diversas regiões metropolitanas do estado, como São Paulo e Campinas, além de abranger o Aglomerado Urbano de Jundiaí, a Região Administrativa Central e a Região de Ribeirão Preto” (Redação Interior, 2014). ³É nela também que o centro se localiza, no seu KM-25,5 como apresenta o Mapa esquemático 01 apresentado anteriormente. O referido bairro fica na zona noroeste da cidade de São Paulo, no distrito Anhanguera, apresentado no mapa 02, na cor salmão na direita superior esquerda do mapa abaixo.

Mapa 2 - Zonas e subprefeituras de São Paulo.

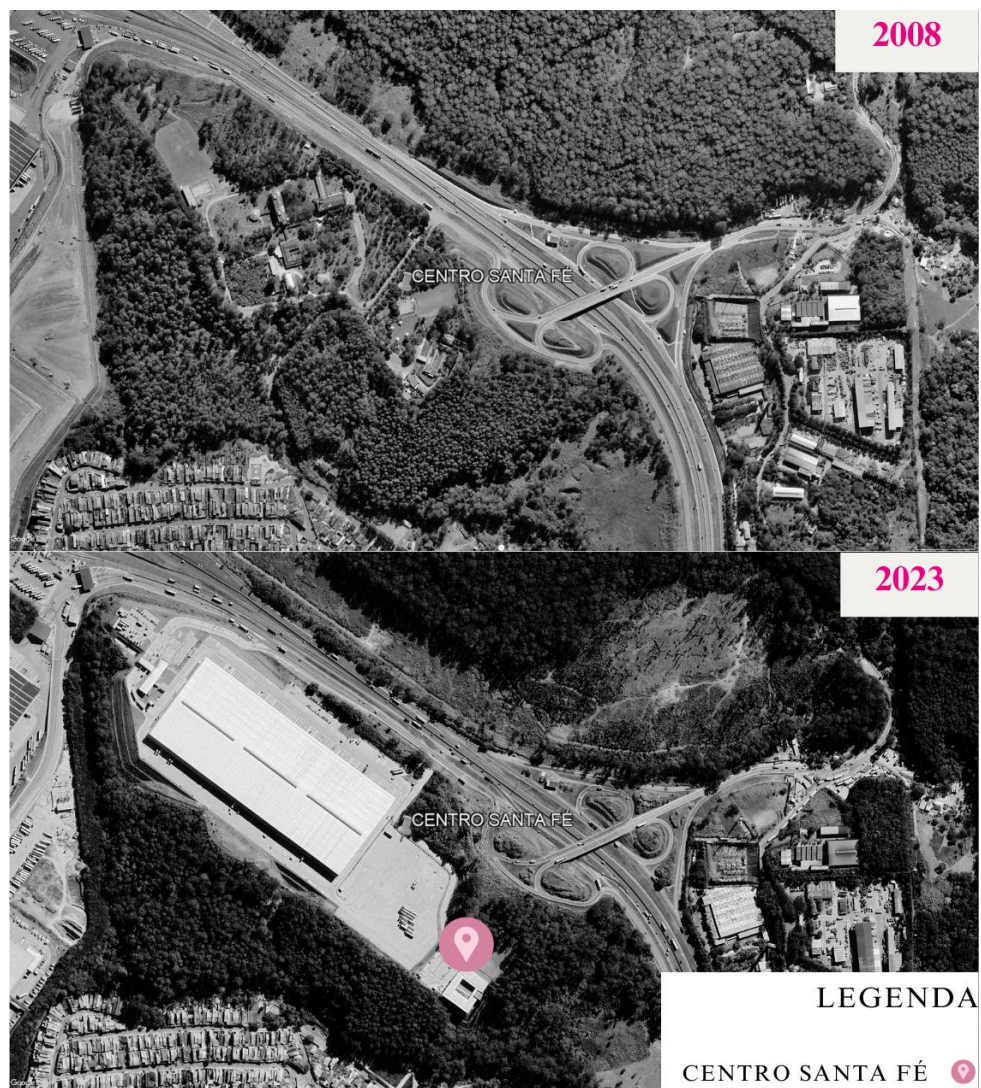


Fonte: Map of São Paulo (2022).

³ Radar do Interior. **Conheça as principais rodovias que ligam o Interior de São Paulo.** Radar do Interior, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://radardointerior.com.br/conheca-as-principais-rodovias-que-ligam-o-interior-de-saopaulo/#:~:text=Inaugurada%20em%201940%2C%20a%20Rodovia%20Anhanguera%20representa%2C,e%20agrícolas%20ao%20longo%20de%20seu%20percurso.> Acesso em: 20 mar. 2025.

Até o ano de 2020, o complexo contava com edificações da década de 1960 e algumas outras construções e ampliações datadas do final da década de 1990 que integravam o antigo e o novo entre um amplo terreno arborizado. Entretanto, no ano de 2020, o complexo foi demolido e teve seu espaço radicalmente reduzido em uma outra pequena edificação, localizada no mesmo terreno, enquanto que o restante do terreno passou a acomodar o Centro Logístico Syslog Perus, pertencente à empresa do Mercado Livre.

Figura 1 - Espaço Centro Santa Fé antes e depois.



Fonte: Adaptado de Google Earth (2024).

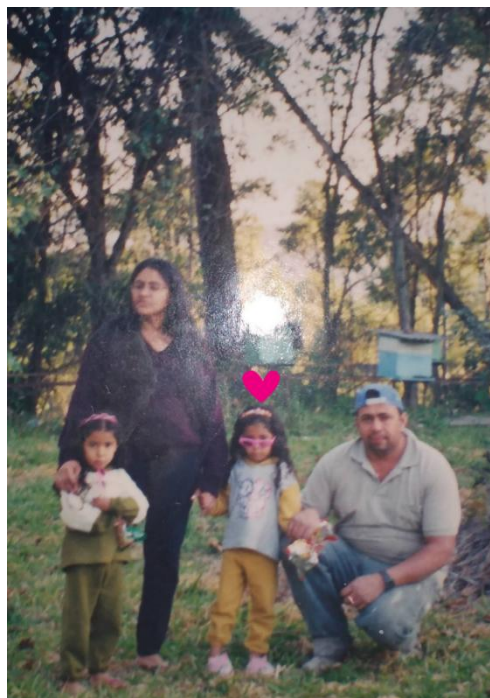
As figuras acima remontam o atual cenário em que se encontra o antigo complexo. A Figura 1 data de 2008, e mostra a realidade até o ano de 2020 na qual todas as edificações faziam parte do complexo. Após esse período, apresentado pela Figura 2, de 2020, mostra que edificação maior tomou quase a totalidade do terreno, sendo esta edificação do centro logístico

e a edificação menor, no canto superior esquerdo, é onde funciona o Centro Santa Fé atualmente.

O exemplo demonstrado pela reorganização espacial imposta à gleba pela implantação da Syslog Perus demonstra a problemática da fragilidade da existência de lugares de memória e bens históricos no contexto desenvolvimento urbano moderno. À medida que as cidades enfrentam a crescente demanda por espaço para novos empreendimentos, como centros logísticos, muitas vezes as construções antigas e históricas são sacrificadas em favor de novas infraestruturas, como foi o caso do Centro Santa Fé. Esse processo se intensifica neste momento de implantação de sistemas de distribuição logística de produtos e mercadorias, que procuram a acessibilidade dos espaços atendidos por grandes avenidas e rodovias.

A motivação para a definição do tema de estudo se deu a partir do vínculo pessoal que a autora criou com o antigo complexo, local no qual residiu por 12 anos; e em que seus pais trabalharam por 16 anos antes da demolição. Crescendo no ambiente do Centro, pude viver a importância social que era promovida pelo antigo ambiente. O Centro Santa Fé foi adotado pela autora como um recinto formador da memória individual e coletiva, por conta de a obra social ter uma atuação ativamente social na região.

Figura 2 - Autora e sua família 2006, na antiga produção de abelhas do Centro.



Fonte: Arquivo pessoal (2006).

Ao observar um espaço querido e importante ser demolido, a motivação do trabalho partiu da intenção de realizar a reconstrução dessa arquitetura a partir dos relatos da memória dos antigos moradores, realizando assim uma reconstrução histórica de seus aspectos

arquitetônicos e atentando para a relação entre as pessoas e o ambiente construído de então. Em vista de possíveis contribuições, a análise pode auxiliar em um desenvolvimento urbano que se atente aos espaços com potenciais históricos, buscando uma coexistência arquitetônica entre o antigo e o novo, em contraposição à demolição total, além de servir como documentação da memória coletiva do centro.

Em vista de possíveis contribuições, a análise pode auxiliar em um desenvolvimento urbano que se atente aos espaços com potenciais históricos, defendendo o ponto de vista da possibilidade de se existir uma coexistência arquitetônica, entre antigo e novo, em coexistência arquitetônica entre o antigo e o novo, em contraposição à demolição total, além de servir como documentação da memória coletiva do centro.

Diante das justificativas apontadas tem-se como objetivo geral deste trabalho é reconstruir a história do complexo do Centro Pastoral Santa Fé, pelo resgate da sua arquitetura, partindo da memória coletiva das pessoas que conheceram o antigo espaço.

Consoante a esse intento geral, são colocados os seguintes objetivos específicos: (I) Documentar a história do antigo complexo e das atividades comunitárias que ali eram realizadas; (II) reconhecer a importância social do complexo partindo de memórias coletivas dos antigos usuários; (III) compreender como o antigo espaço do complexo do Centro Pastoral Santa fé, era um espaço formador de identidade local; (IV) entender os motivos da demolição.

Este estudo apresenta inicialmente uma introdução ao Centro Santa fé, e posteriormente uma explicação sobre os procedimentos metodológicos adotados. Contextualizado o objeto de estudo na introdução, o texto segue para o capítulo do referencial teórico, que aborda conceitos como memória coletiva, protomemória, lugares de memória, materialidade e simbolismo na paisagem, coexistência e perda.

Após o referencial teórico, o antigo complexo do Centro Santa Fé é caracterizado arquitetonicamente. No capítulo subsequente a história do equipamento é apresentada até o ano de 2020, quando ocorreu a demolição. No capítulo seguinte é discutido como se deu a demolição e a situação atual do Centro.

Com esses tópicos explanados o texto segue com a análise das entrevistas e formulários apresentando as edificações ou espaços do conjunto que se fizeram marcos presente na memória dos usuários do antigo Centro Santa Fé. Finalizando o trabalho com uma análise crítica acerca da fragilidade e perda de lugares de memória em decorrência das transformações urbanas.

Para os processos metodológicos deste trabalho, foram realizadas inicialmente uma revisão bibliográfica, com destaque para as obras previamente selecionadas dos seguintes

autores: Maurice Halbwachs (2006), nos conceitos sobre a memória coletiva e individual e também Reginaldo Gonçalves (2002), Joel Candau (2023), Dirceu Junior (2014) e Francisco de Gracia (2002) que trabalham conceitos como apropriação, identidade, perda, fragmentação e memória.

A pesquisa também foi conduzida por meio de diversas fontes digitais, incluindo sites da organização jesuíta que forneceram dados sobre o centro, bibliotecas digitais como a ISSU e o Arquivo Nacional, a também foram utilizados mapas do site Geosampa, além de arquivos de periódicos publicados pelo Centro Santa Fé, e documentos legais, como o Parecer Técnico nº 005/CADES/2020⁴, a fim de coletar dados sobre a história do Centro Santa Fé e os processos de modificação no terreno.

A participação dos indivíduos do espaço foi crucial para construir um panorama das experiências e emoções associadas ao Centro Santa Fé. Por isso, foi desenvolvido inicialmente um roteiro de entrevistas (Apêndice A), porém pela dificuldade de comunicação com o grupo selecionado, previsto para as entrevistas, foi feito posteriormente um formulário (Apêndice C) e publicado nas redes sociais para captar mais relatos. Buscando assim, alcançar um público mais diverso, como moradores, caseiro, padres, coordenadores pedagógicos, alunos e motoristas.

As entrevistas e formulários feitos foram realizados para explorar as experiências individuais e as percepções dos entrevistados no espaço. Além delas, para auxiliar essa análise, foi utilizado um conjunto de fotografias de 2012, de autoria pessoal, documentos arquitetônicos, como as plantas baixas e o levantamento de fachadas, que foram cedidos pelo funcionário Leandro Fritzen⁵ e pelo antigo diretor Padre C. F.

⁴ “[...] análise do Estudo de Impacto Ambiental e respectivo Relatório de Impacto Ambiental –EIA/RIMA[...] da Licença Ambiental Prévia – LAP, para o empreendimento Centro Logístico Syslog São Paulo, para armazenamento e distribuição de mercadorias, num terreno de 392.038,89 m², de propriedade da Companhia de Jesus – Jesuítas, que outorgou à Rec Log São Paulo Empreendimentos S.A. todos os direitos para representá-la junto à municipalidade de São Paulo” (CADES. Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Parecer técnico sobre a análise do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental – EIA/RIMA para o empreendimento Centro Logístico Syslog São Paulo.** 2020. Parecer Técnico nº 005/CADES/2020 Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/PARECER%20TECNICO%20syslog.pdf> . Acesso em: 09 set. 2024.)

⁵ As plantas arquitetônicas foram fornecidas de boa-fé pelo funcionário Luciano Fritzen, que concordou verbalmente com a divulgação no trabalho dessas informações e de sua contribuição. Foi enviado um termo que

As respostas das entrevistas e formulários foram analisadas ao longo do texto, junto às imagens e diagramas. Essa análise buscou entender os impactos na paisagem urbana gerados pela demolição, partindo da visão dos antigos frequentadores do espaço, assim como identificar em planta e fotografias os marcos arquitetônicos presentes no antigo ambiente que evocaram da memória do entrevistado e apresentar em texto como esses marcos estão relacionados com as atividades sociais antes realizadas. Por fim, foi analisado nas respostas, como os entrevistados se sentem diante da perda do espaço arquitetônico.

deve ser assinado por ele para formalização que, entretanto, até o presente momento não foi retornado. Espera-se que seja incluído na versão final de depósito deste TCC”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Memória coletiva, memória individual e protomemória

Neste estudo, o conceito de memória coletiva é basilar para fundamentar a importância do Centro Santa Fé. Para tanto é preciso conceituar a memória individual, explicada por Halbwachs (2006), como a memória de um indivíduo e de suas experiências particulares sob um evento, enquanto a memória coletiva é aquela lembrança carregada por um grupo.

O autor relaciona os dois tipos de memória, uma vez que a memória individual está entrelaçada dentro da memória coletiva, na qual as lembranças pessoais de um indivíduo são frequentemente reinterpretadas à luz das experiências e narrativas do grupo ao qual pertence. Essa interconexão é fundamental para entender como construímos nosso passado e identidade.

A interconexão entre memória individual e memória coletiva se torna ainda mais evidente quando consideramos um novo conceito proposto pelo antropólogo Joel Candau (2023) em seu livro “Memória e identidade”, a protomemória, propondo que uma memória não pode ser separada das atividades e circunstâncias em que se manifesta.

Isso implica que a memória é dinâmica e contextual, Candau (2023) aponta que é nela que se encontram os conhecimentos que são mais duradouros e coletivamente reconhecidos na sociedade. Assim, as memórias pessoais são moldadas não apenas por experiências individuais, mas também por saberes coletivos que perduram na sociedade.

Tem-se assim, a importância da memória coletiva e da sua relação intrínseca com a memória individual. A ideia de que a memória individual é moldada pelas experiências coletivas sugere que nossas identidades são, em grande parte, um reflexo das comunidades às quais pertencemos.

Trazendo esse contexto ao nosso objeto de estudo, cada indivíduo que frequentava o espaço tinha suas próprias memórias ligadas às atividades e momentos relacionados ao espaço, mas a ausência do espaço, isto é, a inexistência atual do ambiente edificado tornou essas lembranças mais difíceis de serem acessadas e compartilhadas. Assim, a demolição não apenas apaga um espaço físico, mas também prejudica a capacidade da comunidade de manter viva sua história.

2.2 Espaços de memória: a preservação e a identidade comunitária

Quando espaços significativos são destruídos, não apenas perdemos a materialidade da memória, mas também a base que sustenta a identidade comunitária, ilustrando que, enquanto a memória pode ser uma construção subjetiva, ela é também profundamente enraizada nas experiências compartilhadas em contextos físicos e emocionais.

Joel Candau (2023) apresenta os grupos sociais que se apoiam nas imagens espaciais. O autor explica que para eles, a cidade se torna o norte da história, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele. No processo de demolição ou reconfiguração urbana existe a ruptura dessas imagens, desse grupo.

Porém, segundo o autor, a desejo do grupo evoca uma resistência; por meio da lembrança coletiva e das tradições mantidas. As cidades são não apenas locais físicos, mas também repositórios de história e identidade. A ideia de que a reconfiguração urbana pode romper com essas memórias ressalta a importância da preservação das tradições e da resistência coletiva.

Joel Candau (2023) explica que o espaço físico serve como um suporte para a memória e para a construção de relações sociais, destacando que sem esse contexto material, a memória coletiva perde seu sentido e sua continuidade. Para os grupos sociais que se apoiam nas imagens espaciais, apresentado por Candau (2023), o espaço cria entre os membros as relações sociais, paralelo a isso Halbwachs (2006) explica que não há memória coletiva que aconteça sem um contexto espacial

[...]o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço (Halbwachs, 2006, p.170).

Halbwachs (2006) ainda reforça que “não há grupo que não tenha relação com algum local e que qualquer princípio que invoquemos para fundamentar o direito de propriedade não adquira nenhum valor se a memória coletiva não intervier para garantir sua aplicação”. (Halbwachs, 2006, p.172). O que dá aporte a essa memória coletiva é a permanência no local ou a permanência de atitude adotada pelo grupo no espaço. O autor também pontua a importância e símbolo do espaço que a sociedade associou a ele.

Partindo dessa observação citada de Maurice Halbwachs (2006), entende-se que o vínculo entre grupos e locais não é apenas uma questão de pertencimento, mas também de legitimidade e valor social, ressaltando a função essencial da memória coletiva na fundamentação das relações sociais.

A identidade comunitária é, assim, moldada por essa dinâmica entre memórias individuais e coletivas. Os membros de uma comunidade não apenas compartilham um espaço, mas também uma história comum, que é constantemente reinterpretada através das lentes das experiências pessoais.

A memória coletiva, portanto, não é apenas uma coleção de recordações, mas uma força que une as pessoas, oferecendo um senso de pertencimento e continuidade. Em suma, o estudo de Halbwachs (2006) revela que a memória, tanto individual quanto coletiva, é essencial para a construção da identidade comunitária.

As lembranças moldam a percepção que temos de nós mesmos e dos outros, enquanto o espaço que habitamos serve como um repositório de nossas histórias compartilhadas. Assim, a memória coletiva não apenas preserva o passado, mas também fundamenta o presente e orienta o futuro de uma comunidade, reforçando os laços sociais que nos conectam.

Como apontam Halbwachs (2006) e Candau (2023), a memória coletiva está ancorada no espaço, e sua destruição representa uma ruptura que exige resistência por meio da lembrança e da reinterpretação da história. Assim, reescrever a trajetória do Centro a partir da memória dos que o viveram é um ato de preservação simbólica, garantindo que sua relevância para a comunidade do Morro Doce não se perca com o tempo.

2.3 O preço da reconfiguração urbana capitalista

O uso do solo, ou do espaço físico, é “regulado pelo mecanismo de mercado, no qual se forma o preço desta mercadoria sui-generis que é o acesso à utilização do espaço” (Maricato, 1982, p.23), ou seja, o espaço físico urbano, no contexto capitalista atual, é determinado pelas dinâmicas do mercado capitalista.

O que favorece a escolha de um espaço físico para uma empresa são as localizações mais favorecidas, como áreas centrais ou regiões com grande fluxo de pessoas dotadas de infraestrutura, que são frequentemente vistas como ideais para o comércio. O autor Wilson Cano (2007) aponta este fator como principal aspecto que favoreceu o Estado de São Paulo comercialmente, inclusive no período colonial, com a produção de café.

Trazendo um pouco do contexto econômico cafeeiro paulista, Cano (2007) aponta que foi a economia cafeeira de São Paulo que trouxe avanços de “infra-estrutura [sic] para a região, como o dos transportes ferroviários, o do porto marítimo, o de comunicações e de urbanização.” (Cano, 2007, p.234)

Os resultados dos avanços de infraestrutura para a capital paulista podem ser observados na atualidade, como apresentam os mapas do Desenvolve SP, uma organização que, em parceria com o Estado de São Paulo, divulga mapas de economia da cidade. (Desenvolve SP, 2024). Segundo eles, a capital paulista “é conhecida como a capital financeira do continente latino-americano” (Desenvolve SP, 2024), em virtude dos setores industriais da região. Os mapas apontam que os setores químicos, farmacêuticos, transportes, entre outros, são setores em constante crescimento, sendo considerados setores estratégicos para a economia.

Assim como o café, a indústria contemporânea também preza pela boa localização. O terreno para o Centro não foi escolhido em vão, o Centro Santa Fé tinha a entrada principal voltada para a Rodovia Anhanguera, uma das rodovias mais importantes de São Paulo, por sua comunicação viária, a rodovia é considerada um eixo de desenvolvimento (Oliveira, 2010).

A geografia e a infraestrutura espacial urbana influenciam não apenas o comércio e a indústria, mas também a identidade e a singularidade das regiões, necessitando de um desenvolvimento que deve considerar esses elementos de forma integrada.

A conversão de espaços carregados de significado em “não-lugares”, conceito apresentado por Marc Augé (2017), representa um desafio à continuidade cultural e ao vínculo da comunidade com sua história. Caracterizados pelo autor Marc Augé (2017), como o espaço com uso impessoal e pela ausência de identidade ou pertencimento, esses espaços, frutos da supermodernidade, refletem a transitoriedade e o anonimato da vida contemporânea.

Assim, é necessário ter cautela com o crescimento urbano, um fenômeno que tende a gerar modificações, principalmente em espaços que apresentam estruturas identitárias locais, como em cidades onde o processo de expansão urbana afeta diretamente a preservação de centros históricos, levando à alteração de edifícios e tradições que caracterizam a identidade local.

Este fato é inevitável, como explica Maricato (1982, p.29), ao afirmar que “O crescimento urbano implica necessariamente uma reestruturação do uso das áreas já ocupadas”. Ou seja, à medida que a cidade se expande, a maneira como os espaços são utilizados e organizados também precisa ser ajustada, o que pode entrar em conflito com a preservação das características históricas e culturais a tornam um lugar único.

Neste contexto, Dirceu Junior (2014) explica que “O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade” (Dirceu Junior, 2014, p.23), essa singularidade são todos os elementos culturais e espaciais que tornam uma região única. Com essa afirmação os autores indicam que a memória é essencial para a construção e manutenção da identidade de um lugar.

Entende-se assim que quando o crescimento urbano não leva em consideração essa dimensão histórica, pode resultar em uma perda significativa de elementos que fazem parte da cultura local e da identidade de um povo. Portanto, é fundamental que o planejamento urbano considere a importância do passado para garantir que o progresso da cidade não destrua aquilo que o torna verdadeiramente um lugar único.

2.4 Paisagem: materialidade e simbolismo

A perda de elementos materiais significativos decorrentes do crescimento urbano, não apenas elimina marcos físicos importantes, mas também enfraquece a dimensão simbólica da paisagem, que é fundamental para as percepções e relações das pessoas com seu entorno.

Dirceu Junior (2014) aborda o conceito de materialidade na paisagem, que se refere a como os elementos históricos e arquitetônicos moldam o ambiente físico das cidades. Eles destacam que o passado está vivo na cultura e nas práticas cotidianas das comunidades, que são diretamente influenciadas por suas experiências históricas.

Quando ocorre a demolição de espaços como o Centro Santa Fé, há uma perda dessa materialidade, o que pode enfraquecer as conexões sociais e históricas que as comunidades têm com o ambiente ao seu redor. Essa perda não afeta apenas os aspectos físicos do espaço, mas também compromete as relações emocionais e culturais que as pessoas estabelecem com seus locais de vivência.

Relacionado a esse entendimento da paisagem, outro conceito importante é a simbologia dela, segundo ele, a paisagem representa mais do que apenas o visível. É mostrado que a paisagem é “introjetada no sistema de valores humanos”, sendo capaz de definir “relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio” (Ribeiro, 2007, p. 25).

Pelos conceitos apresentados por Ribeiro (2007), entende-se que, a paisagem é um ambiente carregado de significados, simbolismos e histórias que influenciam as relações sociais e culturais de uma comunidade. Assim, tanto a materialidade quanto a simbologia da paisagem desempenham papéis cruciais na construção das identidades locais, influenciando diretamente a maneira como as pessoas percebem e se relacionam com o espaço em que vivem.

A análise da paisagem, portanto, exige a consideração de seus aspectos históricos e simbólicos, além da materialidade que compõe o espaço físico. Milton Santos (2002) discute a paisagem como algo que carrega múltiplos tempos e marcas, referindo-se à 'rugosidade' como a coexistência de diferentes momentos históricos e sociais, evidenciando as transformações e permanências no espaço (Santos 2002).

Essa rugosidade é uma sobreposição de camadas de significados que formam a paisagem ao longo do tempo (Santos 2002). A interação entre esses elementos permite perceber que a paisagem é tanto um reflexo quanto uma construção das identidades sociais e culturais de um determinado grupo.

Nesse contexto, como destaca Dirceu Junior (2014, p. 61) “a preocupação com a localização das atividades humanas definiu o espaço como o palco da ação do homem”. Diante disso, o autor aborda dois fatores diretos que influenciam na produção do espaço, o primeiro deles é o Estado representando a autoridade política que exerce controle e dominação, influenciando as políticas públicas e a gestão do território.

O segundo fator apresentado por Dirceu Junior (2014) é a localização das atividades humanas, que torna o espaço um palco essencial para as interações sociais, sendo influenciado pela autoridade política do Estado, que controla e regula a gestão territorial. Isso revela como o poder econômico, através do capital, e as necessidades dos sujeitos sociais interagem de maneira complexa na produção do espaço urbano. O desafio está no quão frágil pode ser a existência e a coexistência harmônica de um local histórico para um local industrial, partindo da influência econômica e de poder político sobre os terrenos.

2.5 Coexistência e transformação: por uma arquitetura que dialoga com o passado

A coexistência, segundo o Dicionário de Candido Figueiredo (2010), significa existir simultaneamente, aproximando tal conceito para a arquitetura histórica e a arquitetura contemporânea podemos entender que se refere à convivência harmoniosa entre diferentes estilos, épocas e funções de edificações no espaço urbano.

Nesse contexto, a arquitetura contemporânea deve ser concebida com um olhar atento ao contexto histórico e cultural das edificações existentes, buscando uma síntese que permita a coexistência entre inovação e preservação.

Assim, Bernal (2019) se baseando no livro “Construir en lo Construído” de Francisco de Francisco de Gracia (1992) apontou que “[...] existe a necessidade de mostrar o caráter da arquitetura contemporânea, mas sem chegar a ser desrespeitoso com aquele elemento histórico

no qual se deve intervir.” (Bernal, 2019, p.11). Entende-se assim que, embora seja importante refletir a arquitetura contemporânea, isso não deve acontecer à custa da integridade e do significado dos elementos históricos.

A reflexão sobre a arquitetura contemporânea, que deve ser projetada de forma a equilibrar inovação e preservação, encontra um importante suporte nos conceitos apresentados por Francisco de Gracia (1992), que apresenta diferentes formas de relação entre o antigo e o novo no processo de transformação urbana. Ao longo do seu texto, Francisco de Gracia (1992) aponta que a inclusão, a interseção e a exclusão são abordagens essenciais para possibilitar a coexistência arquitetônica.

A inclusão ocorre quando o velho e o novo se integram de maneira completa, criando uma harmonia que respeita as características históricas do espaço enquanto acolhe as necessidades e os elementos contemporâneos. Esse tipo de integração é ideal, pois permite que ambos os tempos, passado e presente, se unam de forma coesa e respeitosa, refletindo a continuidade e a evolução da cidade. (Gracia, 1992)

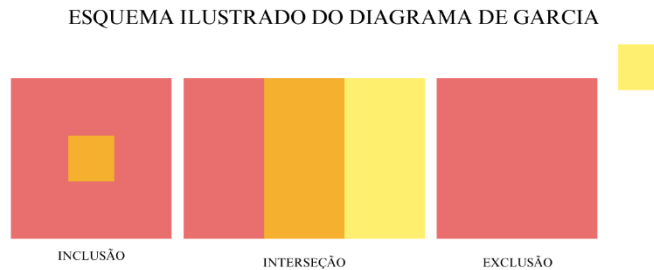
Já a relação de interseção envolve uma integração parcial entre o antigo e o novo, onde os limites dos dois se sobrepõem, mas não se fundem completamente (Gracia, 1992). Essa abordagem permite uma convivência entre os elementos históricos e contemporâneos, mas com uma distinção mais clara entre eles, onde o novo se insere de forma cuidadosa no contexto existente, sem suplantá-lo (Gracia, 1992). Essa relação pode ser vantajosa, pois mantém a identidade histórica do local enquanto permite a introdução de soluções modernas que atendem às demandas do presente.

Por outro lado, a relação de exclusão ocorre quando não há pontos de ligação entre o antigo e o novo, resultando em uma separação clara entre os dois (Gracia, 1992). Nesse caso, o patrimônio histórico e as novas construções não dialogam, o que pode levar a uma perda de continuidade e de identidade, além de diminuir a capacidade de resgatar memórias e significados culturais do lugar (Gracia 1992). Esse tipo de relação, embora não ideal, pode ser encontrado em certos contextos urbanos onde a preservação do patrimônio não é considerada prioritária, mas seu uso indiscriminado pode resultar em um ambiente desarticulado e despersonalizado.

Francisco de Gracia (1992) quando fala de Interseção e Modificação, apresenta níveis dessas intervenções, a primeira delas é a “La modificación circunscrita”, que é a manipulação de um objeto que entra em regeneração, cresce ou se modifica, nesse nível a escala de modificação se restringe apenas ao objeto e não ao seu entorno; no segundo nível a modificação

no Locus é mais abrangente, “modificam ou alteram a forma de entender tanto o objeto arquitetônico quanto seu entorno.” (Gracia, 1992 apud Bernal, 2019, p.13)

Figura 3 - Diagrama de Garcia



Fonte: Autoria própria (2024).

Entende-se assim que a relação entre o antigo e o novo na arquitetura urbana pode ocorrer de diferentes formas, desde a integração harmoniosa até a completa exclusão. Aproximando os conceitos apresentados por Gracia (1992) entende-se que o caso da transformação urbana impulsionada pelo mercado logístico, como ocorreu com o Centro Pastoral Santa Fé, a ausência desse diálogo entre passado e presente levou à perda de referências culturais e sociais importantes. Quando não há um equilíbrio entre preservação e inovação, corre-se o risco de apagar não apenas edifícios, mas também memórias e identidades que fazem parte da história da cidade.

2.6 A perda da singularidade

Francisco de Gracia (1992) apresentou formas de integrar diferentes estilos arquitetônicos, de diferentes épocas. Ele destacou a importância na harmonia da coexistência, que se contrapõe completamente a substituição, na qual se perde um patrimônio significativo, em detrimento do novo.

Reginaldo Gonçalves (2019), ao examinar a perspectiva de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloisio Magalhães, responsáveis pelo IPHAN entre 1930 e 1980, discute conceitos como perda e singularidade, que são pertinentes para esta pesquisa, considerando a perspectiva de Andrade e Magalhães. Eles viam o patrimônio como um objeto singular, que podia ser reconhecido e conservado, mas sempre com o risco de perder sua configuração original (Gonçalves, 2019).

Gonçalves (2019) ao analisar as perspectivas de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloisio Magalhães apresenta o conceito de singularidade do ambiente, os quais os autores colocam que uma vez perdida ela não pode mais ser recuperada. Nesse contexto, ele apresenta a “perda” dos seus “componentes fundamentais”, a perda de tudo aquilo que permanece e é estável numa cultura, daqueles elementos por meio dos quais as nações distinguem-se e

afirmam sua “personalidade” (Gonçalves, 2002, p.93). Esses elementos são como marcos que permitem a uma sociedade se distinguir e afirmar sua personalidade, representando a história e a memória coletiva de uma cultura.

Entretanto, em um mundo cada vez mais globalizado, a homogeneização cultural ameaça a diversidade e a singularidade dessas referências culturais, refletindo-se de forma evidente na arquitetura contemporânea, onde edifícios padronizados e projetos inspirados em tendências globais, como os arranha-céus de vidro e aço, muitas vezes substituem construções que representam a identidade cultural específica de uma região. Essa substituição não apenas desfigura o espaço urbano, mas também resulta na perda de referências culturais, afetando a maneira como as comunidades se identificam e se conectam com sua história.

Na análise, Gonçalves (2002) indica que Franco e Magalhães entendem que a homogeneização ameaça tanto a cultura popular quanto a acadêmica, indicando que a perda da diversidade cultural é uma questão crítica. “É precisamente o perigo da homogeneização cultural que é trazido por esse processo de integração universal” (Gonçalves, 2002, p.93).

O processo de homogeneização cultural e de perda da identidade afetam igualmente tanto a “cultura popular” quanto a “cultura acadêmica” no Brasil. No texto de Gonçalves (2002) ele indica que ambas se veem ameaçadas pela perda do sentido de “processo” e de “continuidade”, na visão de Magalhães (Gonçalves, 2002, p.96). Isso significa que as sociedades, ao passarem a adotar modelos culturais globais, perdem a experiência contínua da evolução de suas tradições e identidades.

Com os conceitos apresentados por Gonçalves (2002), nos discursos de Rodrigo Melo de Franco e Aloísio Magalhães, a perda de elementos fundamentais da cultura, aliada à homogeneização cultural, representa um desafio significativo. Pelos conceitos apresentados acima, entende-se que a história não é um registro estático, mas um processo dinâmico que, se negligenciado, pode levar à fragmentação da identidade coletiva.

Portanto, a urgência da preservação do patrimônio arquitetônico se torna evidente, não apenas como um meio de resguardar a história, mas também como uma forma de fortalecer o sentido de pertencimento e singularidade das comunidades diante das pressões da globalização. Nos casos de demolição, como o Centro a urgência recai sobre a reconstrução imagética e histórica como uma ferramenta poderosa para preservar a memória coletiva e fortalecer o senso de pertencimento das comunidades. Entende-se que ela permite que a história não seja apenas um registro estático, mas um processo dinâmico que continua a influenciar e a definir a identidade cultural de um povo, mesmo quando os edifícios que a representavam já não estão mais presentes.

Um exemplo de perda, de um lugar de memória, relacionado à homogeneização espacial que afetou identidades e comunidades, foi o desmonte do Morro do Castelo em 1920, a pedido do então prefeito do Rio de Janeiro Carlos Sampaio (1920-1922) que “sob a égide da modernidade, assinou o decreto que deliberou o arrasamento do morro” (GOV.BR, 2020), o objetivo era modernizar a capital em decorrência de uma exposição internacional que aconteceria na região.

Figura 4 - Morro do Castelo antes da demolição.

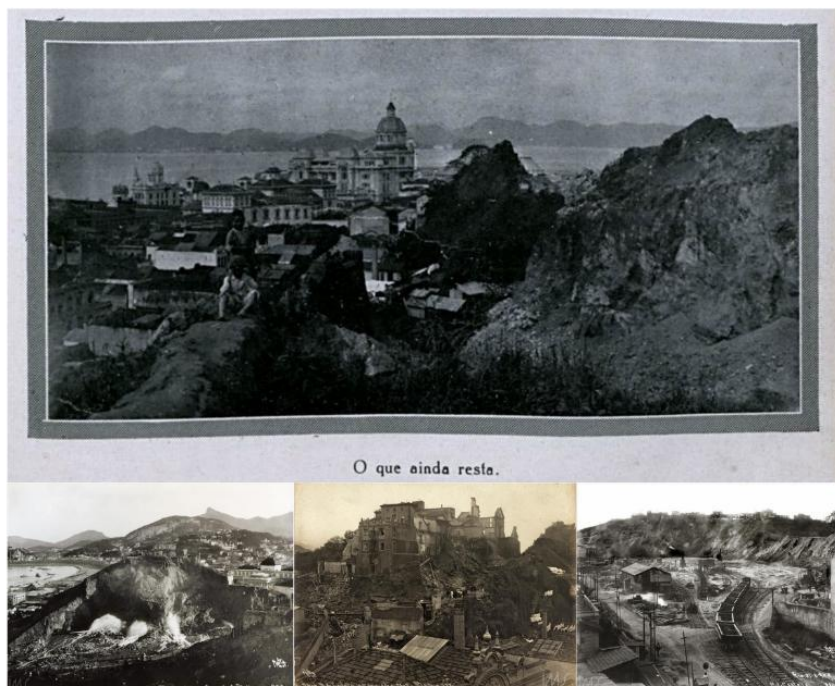


Fonte: Arte na rede (2016).

Acima, a figura 5 apresenta como era a configuração do Morro do Castelo, nela vemos uma praça . Ao fundo, aparece o Morro, onde se situava a Igreja Santo Inácio e Colégio dos Jesuítas e a direita se vê uma fortaleza.

As modificações feitas com a demolição, ampliariam “as ruas para uma maior circulação dos ventos e poria fim às habitações populares [...] A remodelação urbana era inspirada na reforma realizada pelo barão Haussmann, em Paris, no século XIX, com a construção de largas avenidas” (GOV.BR, 2020). Essa demolição das habitações populares desconsiderou o reconhecimento do local enquanto a sua importância histórica, como explica GOV.BR (2020). O Morro representa o início da capital, era nele que ficava a sua primeira catedral, primeiros Palácios dos Governantes.

Quadro 1 - Morro do Castelo após demolição.



Fonte: Malta (1922).⁶

GOV.BR (2020), explica que as epidemias frequentes na região foram usadas como justificativa para o arrasamento do Morro do Castelo. Considerando a importância simbólica e espacial do local para a identidade e memória coletiva, pode-se entender que, ao invés de tratar o morro como um espaço a ser melhorado em termos de infraestrutura para erradicar as doenças, ele foi visto como um obstáculo à modernização da cidade e, por isso, acabou sendo demolido: “A ânsia pela modernidade calou as vozes dissonantes e o morro foi por água abaixo literalmente, destruído por um sistema moderno.” (GOV.BR, 2020)

A demolição do Morro do Castelo, que foi justificada como uma medida de modernização, exemplifica a homogeneização espacial e a perda de elementos fundamentais que Gonçalves alerta, pois o morro representava a origem e a memória coletiva da cidade.

A perda do Morro não foi apenas uma mudança física na paisagem, mas uma destruição simbólica de um componente fundamental da história e da identidade cultural do Rio de Janeiro. Isso se alinha à reflexão de Gonçalves (2002) sobre a singularidade do ambiente e a irreparabilidade da perda de elementos essenciais que representam a personalidade de uma nação. O Morro do Castelo, com sua importância histórica e simbólica, era um desses elementos fundamentais que definem e afirmam a identidade cultural de um povo.

⁶ Compilação da autora.

Como apontam Gracia (2002) e Gonçalves (2002), a coexistência harmoniosa entre diferentes estilos arquitetônicos é essencial para preservar a singularidade dos ambientes, evitando a homogeneização cultural e o apagamento de referências históricas.

Nesse contexto, o próximo capítulo se dedica à caracterização espacial do Centro Santa Fé, analisando sua estrutura e os elementos arquitetônicos que compunham sua identidade, a fim de compreender como sua demolição impactou a memória coletiva da comunidade que o vivenciou. Assim como, a partir dos relatos baseados nessa mesma memória, buscar reconstruir os aspectos formais, tipológicos e espaciais de sua arquitetura.

zona onde funcionavam as atividades educacionais para os jovens; a segunda zona é de preservação ambiental, na qual temos uma área extensa de árvores do tipo Pinus e Eucalipto e a terceira será chamada zona Vila Gonzaga.

MAPA 4 - Zoneamento do antigo espaço do Centro.



Fonte: Autoria própria (2024).⁹

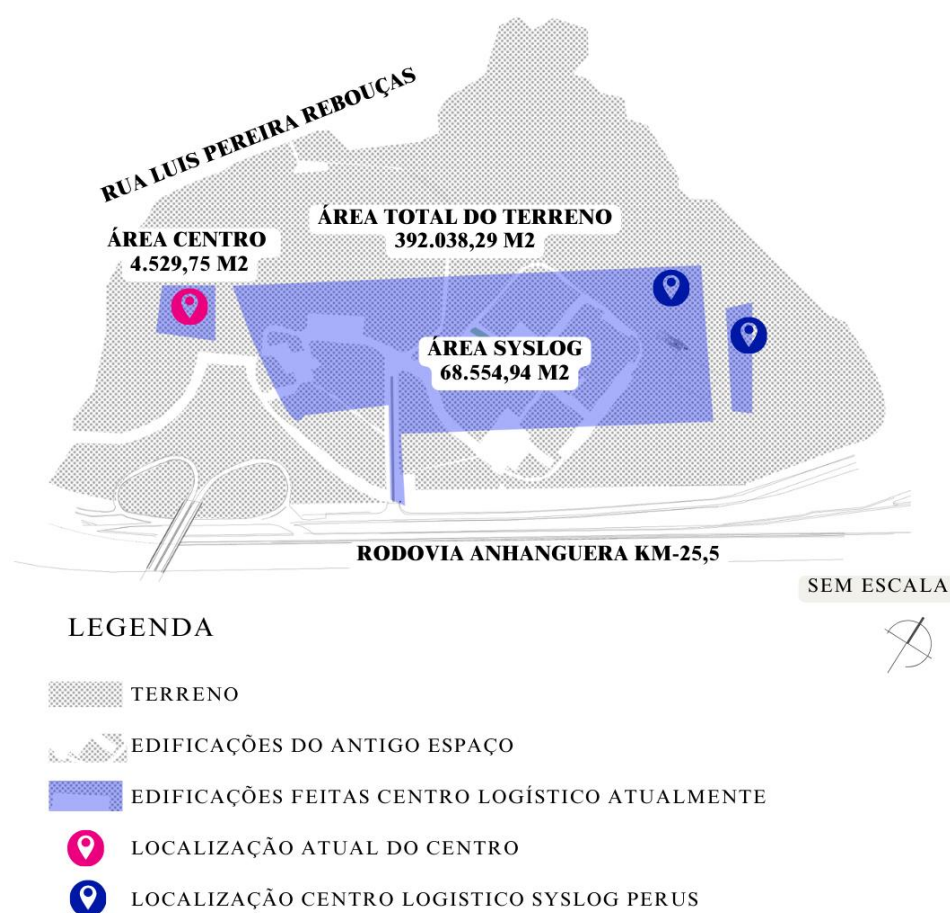
A zona da Vila Gonzaga era uma chácara que dava suporte às atividades do colégio jesuíta São Luís, lá também recebia eventos dos padres da Companhia de Jesus e entregas de cesta básica para famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

⁹ Mapa baseado na planta de locação, feita para levantamento do terreno, fornecida por Leandro Fritzen.

As edificações presentes no Centro Santa Fé e na Vila Gonzaga foram arrasadas pelas modificações feitas com a demolição, a salvo a zona de preservação, como mostra o Mapa 04. Em relação ao Mapa de zoneamento do antigo espaço, apresentado anteriormente, pode-se perceber o apagamento do antigo complexo, para alocar duas edificações, a menor delas sendo hoje o centro logístico, ocupando a maior parte do terreno.

MAPA 5 - Disposição atual do espaço do Centro.

ZONEAMENTO DO TERRENO



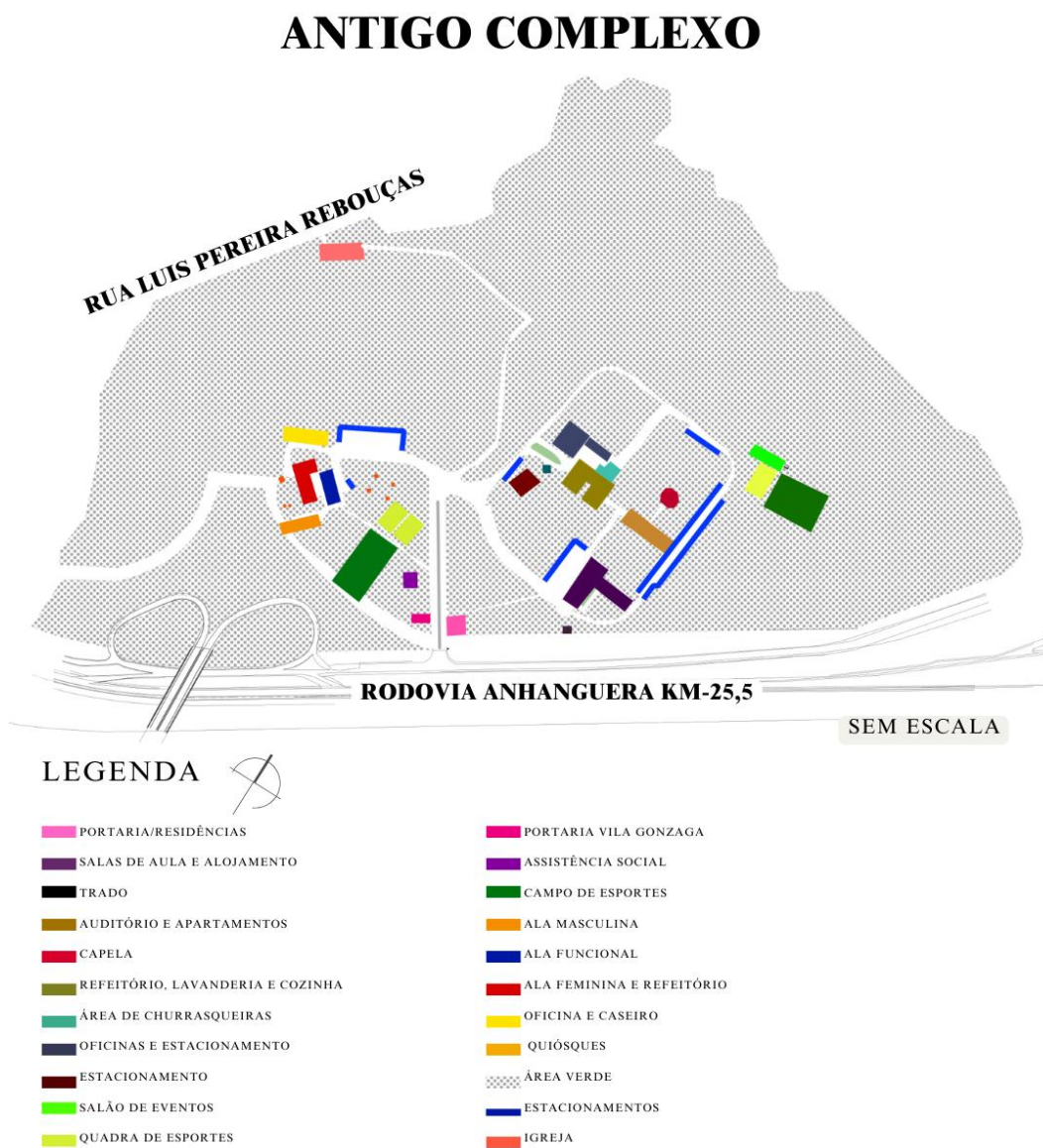
Fonte: Autoria própria (2024).¹⁰

Neste primeiro momento, o enfoque será dado para a Caracterização espacial do antigo complexo, composto por 23 ambientes, apresentados no Mapa 06 seguir. A imagem cartográfica aponta a função de cada edifício do terreno, tais como blocos de serviços com

¹⁰ Mapa baseado na planta de locação, feita para levantamento do terreno, fornecida por Leandro Fritzen.

cozinhas e lavanderias, também blocos de acomodações, salas de aula, salas de eventos e quadras de esportes.

MAPA 6 - Edifícios do complexo.



Fonte: Autoria própria (2024)¹¹

Gostaria aqui de destacar que, apesar de existir uma distância considerável entre os blocos, esses eram interligados por corredores com vista para a natureza, ou então com caminhos bem arborizados, como mostra a o quadro de imagens das ligações entre os blocos,

¹¹ Mapa baseado na planta de locação, feita para levantamento do terreno, fornecida por Leandro Fritzen.

no qual percebe-se que uma das características mais marcantes desses ambientes, é o emolduramento do cenário externo por meio das aberturas laterais e do uso de janelas em fitas.

Quadro 2 - Interligação dos blocos do antigo Centro Santa Fé.



Fontes: Compilação da Autora, 2025.¹²

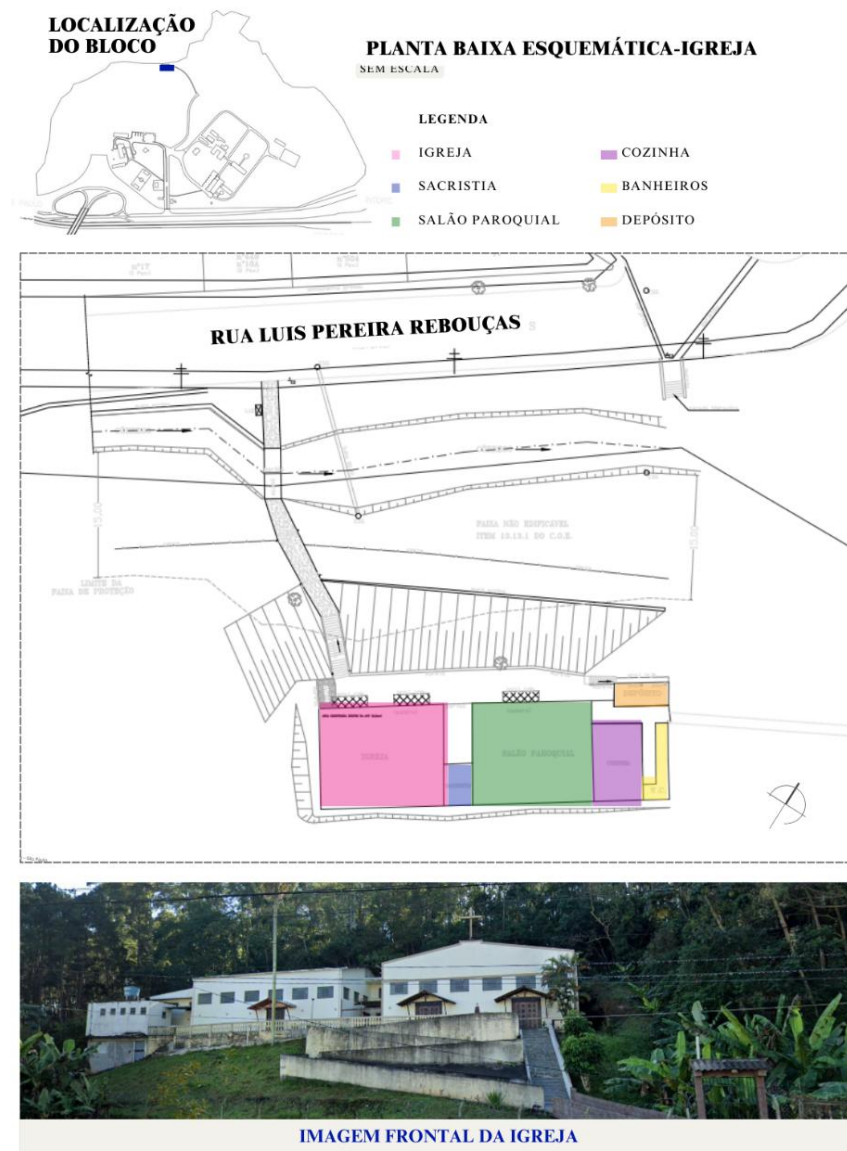
Tais características dos corredores se apresentam como símbolos do estilo moderno como explica Renato Rego (2003), sendo esse estilo caracterizado pela aparência abstrata, conformada em um sólido geométrico simples; grandes áreas envidraçadas em fachadas desprovidas de ornamentação e linhas horizontais arrematando a composição. Mais à frente, será visto que esse estilo está presente em todas as edificações.

Outro espaço que é importante destacar é a igreja localizada após a zona de preservação, pois ela foi o único edifício que não foi demolido, isso porque, segundo o funcionário e ex-

¹² Imagens 1 e 2 retiradas de: Alice Sabino, 2012; Imagem 3 retirada de: Madrid, 2017; Imagem 4 retirada de: Murad 2018; Imagem 05 retirada de: Carvalho, 2017.

morador do Centro A. B¹³, em uma entrevista preliminar feita em novembro de 2024, esclareceu que esse espaço não era usado pelo Centro Santa Fé, ele é um terreno doado para a igreja católica do bairro Morro Doce.

Figura 5 - Caracterização da Igreja.



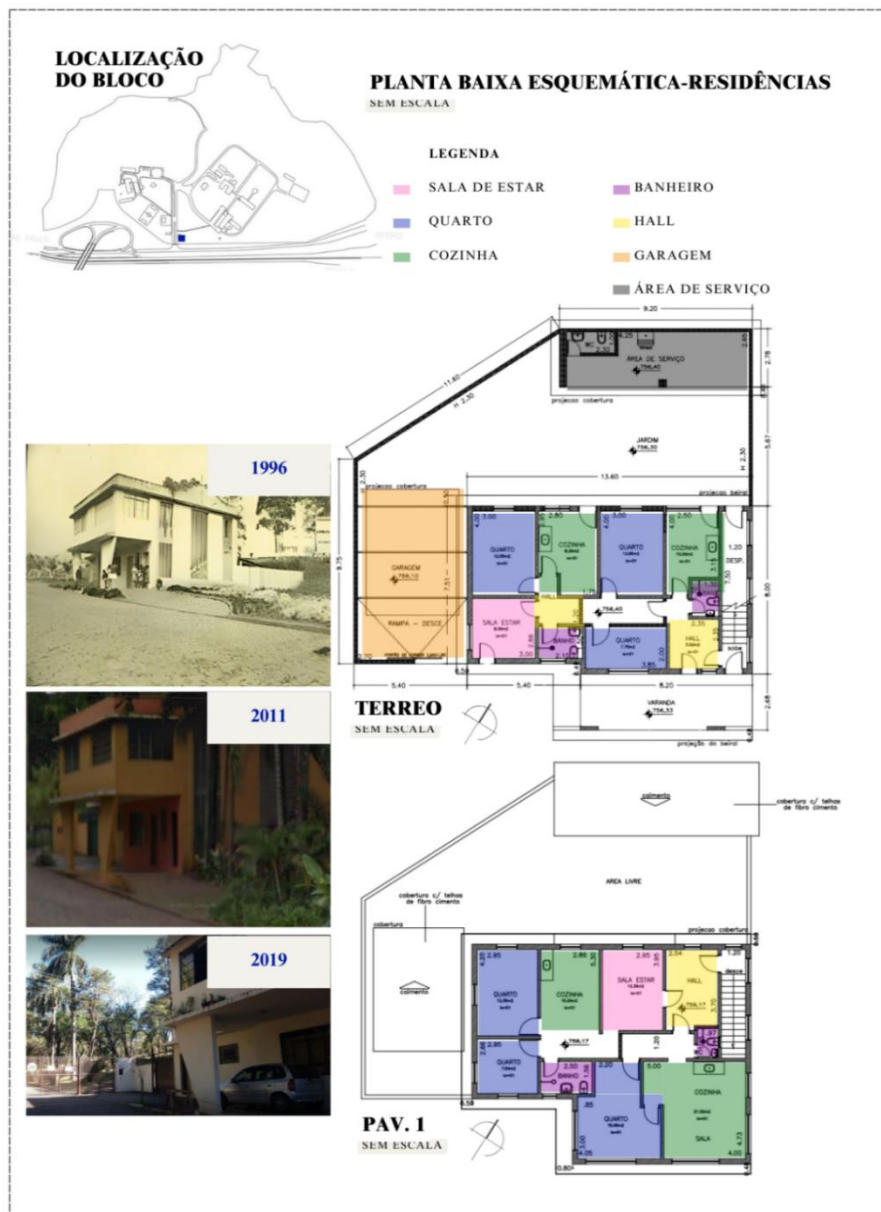
Fonte: Autoria própria (2025).¹⁴

¹³ Por questões de privacidade das informações dos entrevistados, seus nomes não serão divulgados, apenas suas iniciais.

¹⁴ O mapa de localização e planta baixa foram fundamentados na planta de localização cedida pelo funcionário Luciano Fritzen, feitas para a regularização do antigo espaço do centro em 2016; Imagem Frontal da Igreja retirada de: Google Maps, 2024.

É importante também ressaltar aqui, outros espaços significativos, que serão explanados nos próximos capítulos deste trabalho. O primeiro deles são as edificações do ano de 1966, sendo a primeira delas a portaria, que era utilizada como residência durante as atividades do Centro. Foi nessa edificação que a autora morou por 12 anos. O prédio de dois pavimentos contava com quatro apartamentos, uma garagem e uma área de serviço comuns das famílias de funcionários que ali residiam.

Figura 6 - Caracterização Residência/Portaria.



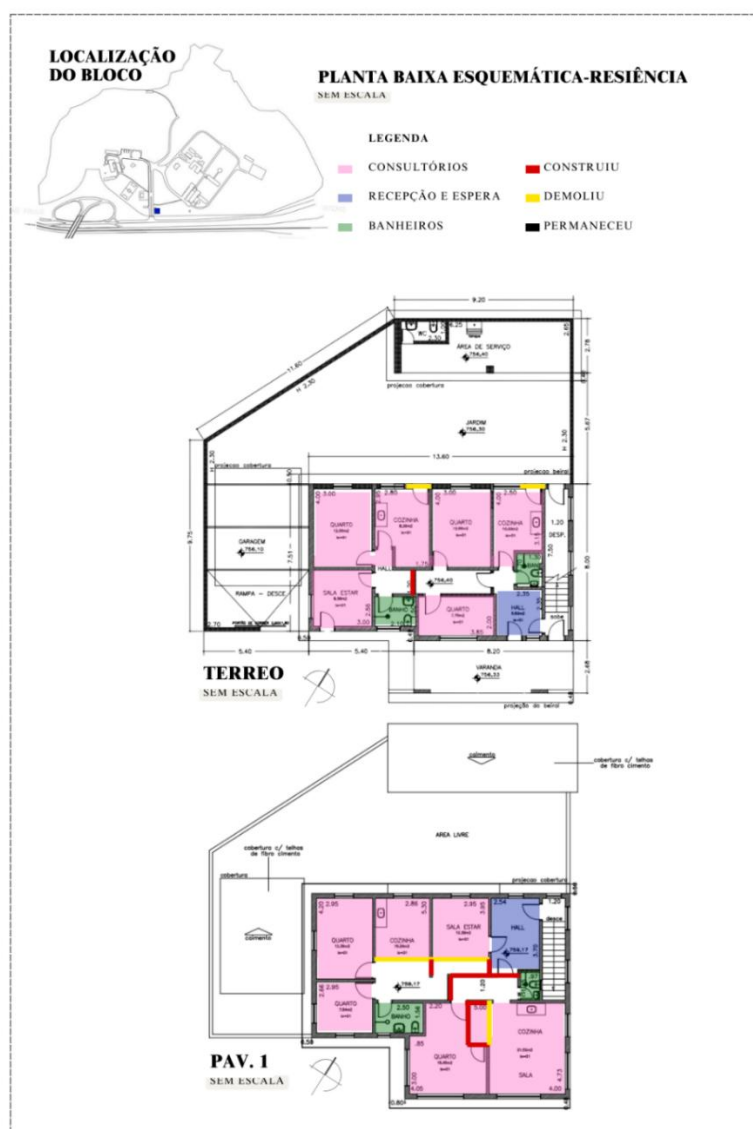
Fonte: Autoria própria (2025).¹⁵

¹⁵ O mapa de localização e planta baixa foram fundamentados no levantamento arquitetônico cedido pelo funcionário Luciano Fritzen, feitas para a regularização do antigo espaço do centro em 2016; Imagem de 1966

No ano de 1966, esse espaço era utilizado como um centro de saúde comunitária, onde os estudantes, da Faculdade jesuíta Nossa Senhora Medianeira, ofereciam serviços odontológicos e médicos para a população do Bairro Morro Doce (Santana, 2015).

A. B. , que residiu nessa edificação, contou que no ano de 1997 ela estava desativada e que foi autorizado pela administração do Centro na época a realização de reformas que a tornassem uma residência. Abaixo temos a Figura 08 que mostra, segundo A.B, as modificações feitas.

Figura 7 - Reforma da residência/portaria.



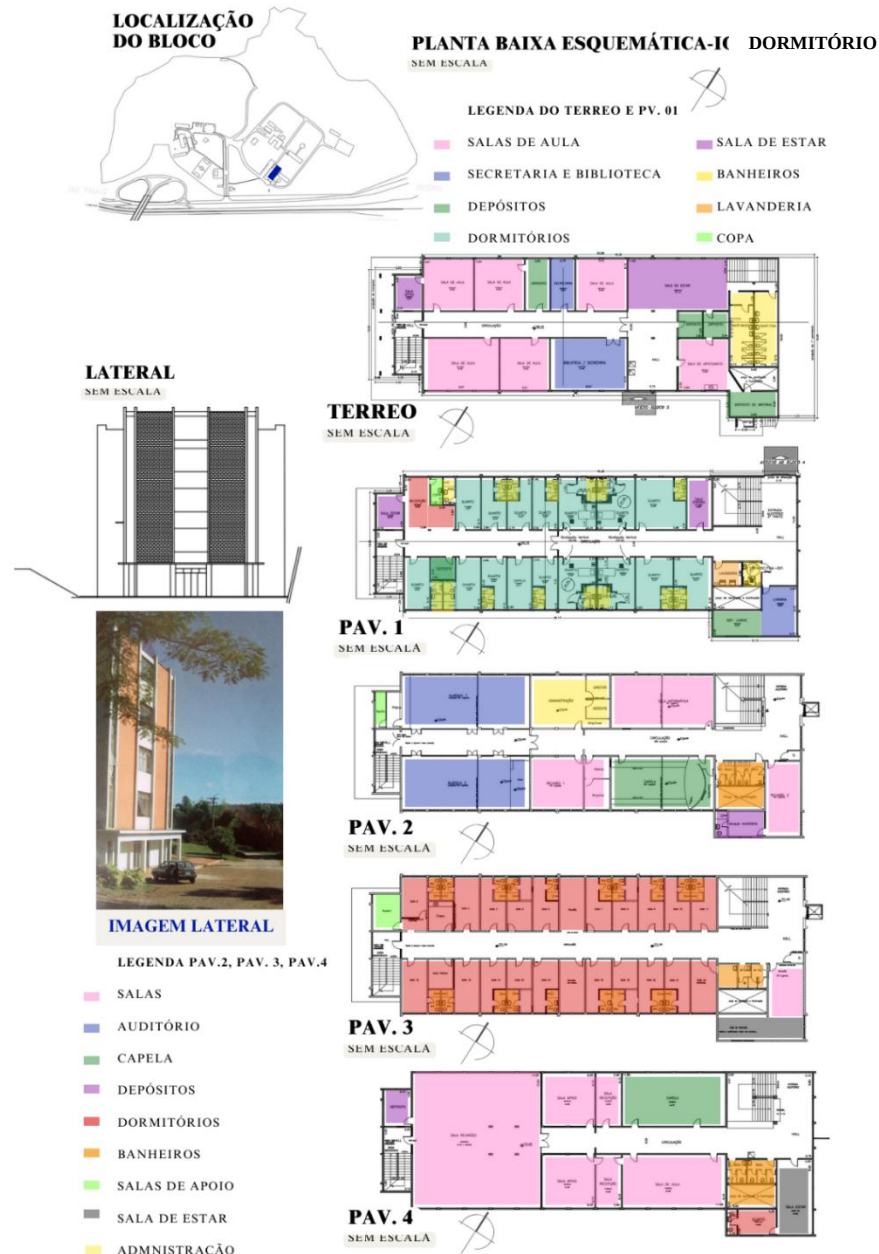
Fonte: Autoria própria (2025).¹⁶

retirada de: Santana,2015; Imagem de 2011 retirada de: Google Maps, 2011; Imagem de 2019 retirada de: Santos, 2019.

¹⁶ O mapa de localização e planta baixa foram fundamentados no levantamento arquitetônico cedido pelo funcionário Luciano Fritzen, feitas para a regularização do antigo espaço do centro em 2016;

O próximo edifício de 1966 que destaco aqui, é o bloco de aulas uma edificação de quatro pavimentos. No térreo temos salas de aula, recepção e laboratórios, no pavimento 02 e 03 temos os alojamentos para receber jesuítas em evento locais, nos pavimentos seguintes temos outros espaços como auditórios e capela, conectados por um corredor longilíneo e escadas nas extremidades.

Figura 8 - Caracterização bloco de aulas e dormitório em 1966.

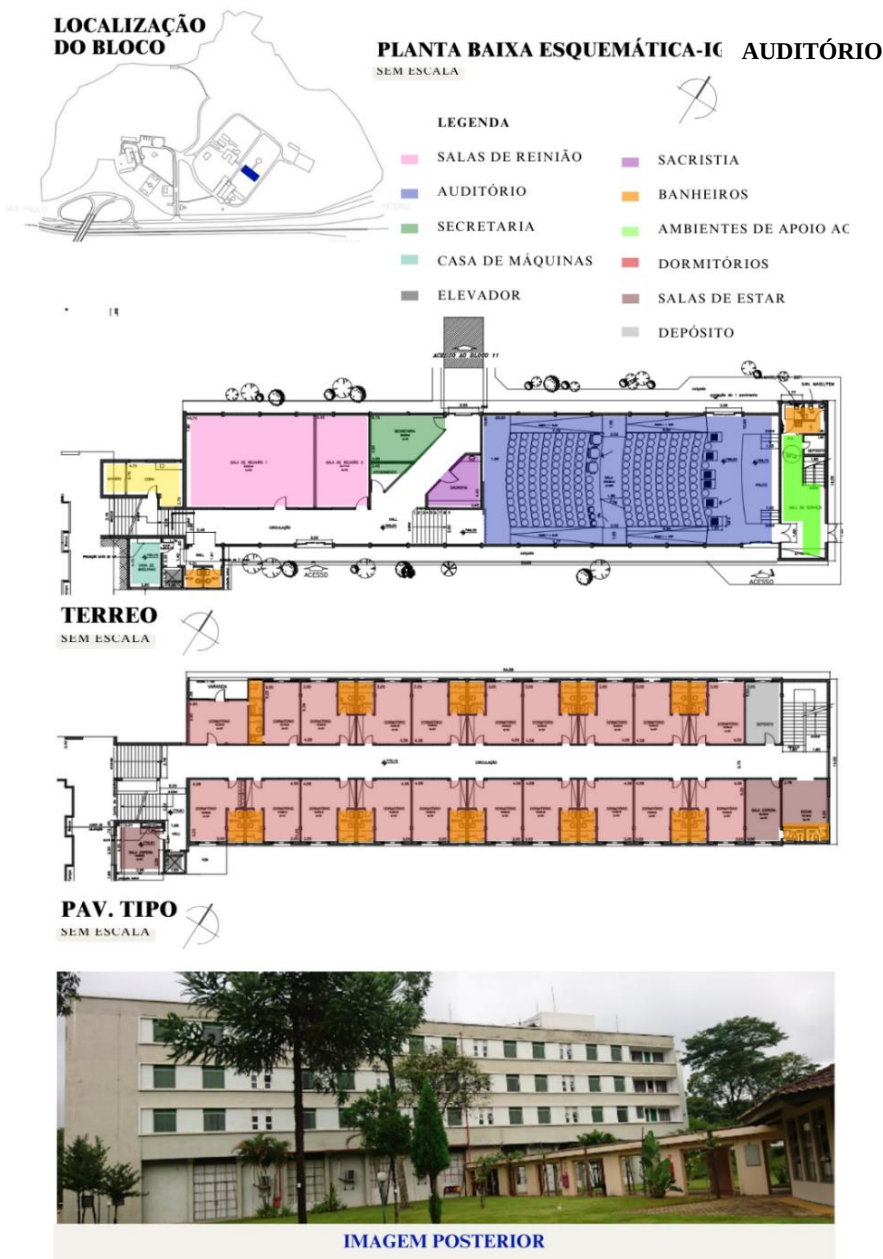


Fonte: Autoria própria (2025).¹⁷

¹⁷ O mapa de localização, Lateral e planta baixa foram fundamentados no levantamento arquitetônico cedido pelo funcionário Luciano Fritzen, feitas para a regularização do antigo espaço do centro em 2016; Imagem lateral retirada de: Alice Sabino, 2012.

O bloco seguinte é o auditório. Esse prédio possuía 3 pavimentos, no térreo com um grande auditório e diversas salas de reunião e nos demais pavimentos situavam-se acomodações. Esse espaço inicialmente não tinha elevador, que foi instalado por volta dos anos 2000, de acordo com o A. B., semelhante ao edifício e aulas sua circulação e dá por um corredor longilíneo, escadas nas extremidades.

Figura 9 - Caracterização do bloco auditório.



Fonte: Autoria própria (2025).¹⁸

¹⁸ O mapa de localização, planta baixa foram fundamentados no levantamento arquitetônico cedido pelo funcionário Luciano Fritzen, feitas para a regularização do antigo espaço do centro em 2016; Imagem Posterior retirada de: Murad, 2018.

O último bloco, do ano de 1966, foi o de serviço com refeitório, cozinha, lavanderia e despensa. Essas edificações apresentaram semelhanças arquitetônicas, todas com ampla visão externa, linhas e formas puras. Algumas adequações foram feitas para atender a acessibilidade local e para dar novos usos a antigos espaços, como foi o caso da primeira edificação.

Figura 10 - Caracterização bloco de serviços.



Fonte: Autoria própria (2025).¹⁹

¹⁹ O mapa de localização, planta baixa foram fundamentados no levantamento arquitetônico cedido pelo funcionário Luciano Fritzen, feitas para a regularização do antigo espaço do centro em 2016; Imagens da cozinha e refeitório retiradas de: Cazella, [S.d]

Em relação aos espaços de arquitetura sacra do centro, A.B explica que a capela, que fica na zona central do Centro Santa Fé, foi um espaço pensado no final dos anos 90. É um dos ambientes, que a pesquisa acha importante ressaltar, pois ela apresentava lindos vitrais postos em uma forma octogonal, era conectada com uma passarela ao bloco do auditório, apresentado acima.

Quadro 3 - Capela Centro Santa Fé.



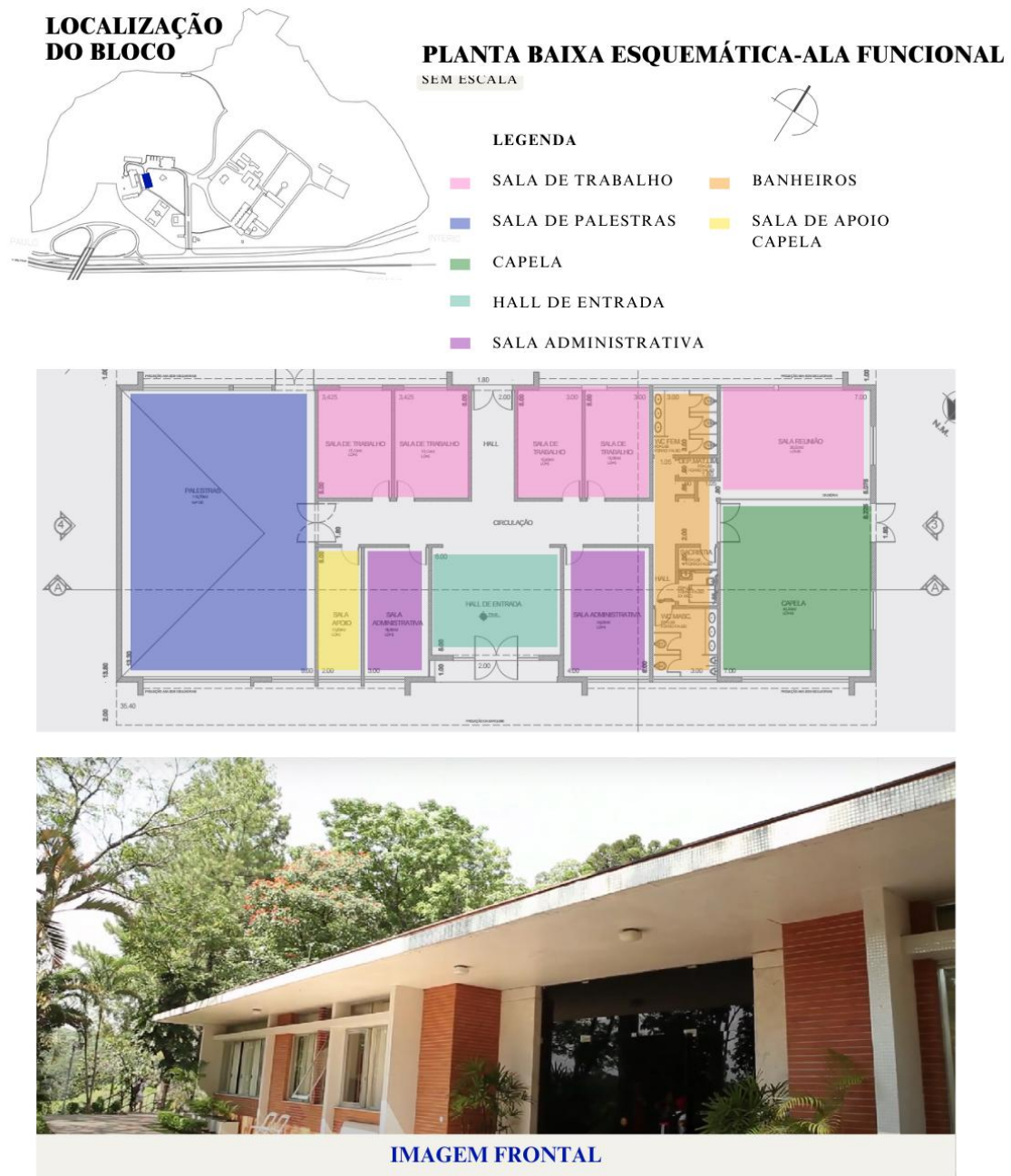
Fonte: Autoria própria (2025).²⁰

A zona da Vila Gonzaga também possuía uma capela que ficava integrada ao bloco da ala funcional. A arquitetura da Vila Gonzaga, pode também ser identificada como moderna,

²⁰ Imagem externa 2012 retirada de: Alice Sabino, 2012; Imagem Externa 2018 retirada de: Rodrigues, 2018; Imagem Interna 2018 retirada de: Amador, 2018.

pelas suas grandes janelas de vidro e edificações de formas simples, característica que é vista na ala funcional, assim como por exemplo, na ala feminina e portaria.

Figura 11 - Caracterização ala funcional.



Fonte: Autoria própria (2025).²¹

Pela observação das imagens antes apresentadas, percebemos a influência da Arquitetura Moderna nas edificações, expressa no uso de materiais naturais e expostos, como

²¹ O mapa de localização, planta baixa foram fundamentados no levantamento arquitetônico cedido pelo funcionário Luciano Fritzen, feitas para a regularização do antigo espaço do centro em 2016; Imagem frontal retirada de: Colégio São Luís, 2012.

tijolo aparente, concreto e vidro nas vedações. Esses elementos refletem princípios defendidos por Le Corbusier (2020), que via no uso racional dos materiais e na integração entre forma e função a essência da arquitetura do século XX.

Além disso, a organização espacial valoriza áreas verdes e espaços de convivência ao ar livre, promovendo uma relação fluida entre interior e exterior. Essa abordagem dialoga com a perspectiva de Sigfried Giedion (2004), que destaca a Arquitetura Moderna como uma síntese entre espaço, tempo e função, eliminando ornamentos supérfluos e priorizando a estrutura e os materiais empregados.

Nos pisos, identifica-se o uso de tacos de madeira, pisos hidráulicos e cimentícios, reforçando a simplicidade e funcionalidade do conjunto. O antigo espaço também continha diversos ambientes coletivos a céu aberto, como o salão e a quadra do Centro Santa Fé, além do playground e quiosque na Vila Gonzaga, configurando um ambiente arquitetônico que privilegiava o convívio e a integração comunitária.

Os blocos destacados em 1966 apresentam uma circulação interna longilínea semelhante, a salvo do bloco do auditório, que posteriormente recebeu o elevador. Todas as edificações apresentadas continham muitas aberturas, voltadas para a área verde externa.

Muitas edificações passaram por construções de anexos, que serão abordados posteriormente, mesmo com a consolidação do Centro Santa Fé as edificações da década de 1960 se mantiveram intactas quase por completo. O Centro Santa Fé, não considerou arrasar os edifícios antigos com a necessidade de novos usos, as construções novas e antigas, coexistem de forma harmônica.

4 História do centro

Antes de apresentar a história do Centro, abre-se aqui um parêntese para apresentar a história da Companhia de Jesus, fundada em 15 de agosto de 1534 pelo basco Inácio de Loyola (1491-1556), juntamente com seis companheiros do Colégio de Santa Bárbara, em Paris (Duarte, 2018). Desde sua origem, a ordem desempenhou um papel fundamental nas missões evangelizadoras, atuando em consonância tanto com os interesses da Igreja quanto com os projetos expansionistas dos Estados Católicos.

Conforme Duarte (2018) destaca, a Companhia de Jesus surgiu como “uma cruzada apostólica revolucionária durante a crise da Igreja e do Humanismo Liberal Renascentista²²”. Seu propósito central era a catequese e a educação dos povos não cristãos, em alinhamento com os princípios da Igreja e os interesses das potências europeias da época.

Portugal foi o primeiro país a apoiar a ordem, o que possibilitou a presença jesuíta nos territórios sob domínio da Coroa portuguesa, incluindo o Brasil (Duarte, 2018). Em 1550, o Padre Leonardo Nunes, sob a orientação do Padre Manoel da Nóbrega, foi o primeiro jesuíta enviado à Capitania de São Vicente, localizada no atual estado de São Paulo (Viotti, 1954).

Ao longo dos séculos, os jesuítas não apenas se dedicaram à catequização, mas também à fundação de escolas e à proteção dos povos indígenas, cuja existência e direitos eram constantemente ameaçados pelos bandeirantes (Companhia de Jesus, s.d.). Essa atuação, no entanto, gerou atritos com a monarquia portuguesa, que, insatisfeita com suas reivindicações em favor dos indígenas, restringiu progressivamente suas atividades. Essas tensões culminaram na expulsão da ordem da Capitania de São Paulo em 1640 e, posteriormente, na sua supressão total entre 1773 a 1814 (Companhia de Jesus, s.d.).

O retorno dos jesuítas ao Brasil ocorreu em 1841, com a retomada das atividades no sul do país, particularmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O número de membros cresceu continuamente até 1965, quando atingiu 1.461 integrantes. No entanto, após o Concílio Vaticano II, a ordem enfrentou um declínio acentuado, reduzindo-se a 1.097 membros em 1970, e, atualmente, a um número ainda menor (Terra, 2014, p.05).

²² No período renascentista, a Igreja Católica recebeu críticas por práticas como a comercialização de indulgências e a simonia, resultando na Reforma Protestante em 1517, sob a liderança de Martinho Lutero. Ele desafiou a autoridade papal, argumentando que a redenção era obtida através da fé, e não através das obras. A Reforma dividiu a Igreja Cristã Ocidental, dando origem a várias denominações protestantes (Silva, s.d.) SILVA, Daniel Neves. **Reforma Protestante**. *Mundo Educação*. [S.d] Disponível em: <https://www.mundoeducacao.com>. Acesso em: 16 mar. 2025.

Nas décadas subsequentes à sua restauração da ordem em 1814, a Companhia de Jesus consolidou sua atuação educacional no Brasil, fundando diversas instituições de ensino. Dentre elas, destacam-se o Colégio dos Missionários em Desterro, criado em 19 de setembro de 1845 (Companhia de Jesus, s.d.); a Escola de Gramática, fundada em Porto Alegre em 1847; o Colégio Anchieta, estabelecido em Nova Friburgo em 1886; e seu homônimo em Porto Alegre, inaugurado em 1890 (Klein, 2016).

Particularmente significativa, para este estudo, foi a fundação da Faculdade Nossa Senhora Medianeira, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em 1957, pelo decreto n.º 41.570, de 27 de maio de 1957 (Maia, 1991). Essa instituição mais tarde daria origem ao Centro Pastoral Santa Fé, ao ser transferida para a cidade de São Paulo em 1966 (Maia, 1991).

No que tange à arquitetura jesuíta, Mendonça (2010) aponta que os colégios da ordem representam símbolos de poder e resistência nos locais onde foram implantados. Essas construções deixaram marcas profundas tanto no campo educativo quanto no administrativo. A autora destaca ainda que a maioria desses colégios se encontra em centros urbanos e em pontos elevados das cidades, conferindo-lhes uma posição de destaque na paisagem e permitindo que sua imponência, grandiosidade e influência sejam constantemente percebidas pelos habitantes locais.

Partindo agora para a história do espaço que deu origem ao complexo do Centro Pastoral Santa Fé, ela se inicia com a venda das terras do advogado Mário Cintra Leite, na data de 29 de dezembro de 1958, para a empresa Estrada de Ferro Perus-Pirapora S.A. (CIA Perus, 1973).

O terreno adquirido pela Estrada de Ferro Perus-Pirapora S.A. foi dividido em várias porções, uma parte significativa de um Sítio chamado Santa Fé e uma área da Fazenda chamada Polvilho, que estavam situadas em regiões de grande valor estratégico para a construção e expansão da ferrovia (CIA Perus, 1973).

Posteriormente, uma parte significativa desse terreno desmembrado foi transferido para as Faculdades Anchieta, em duas transações. A primeira ocorreu em 1959, quando uma área de 72.000 m² foi vendida à instituição de ensino por R\$ 2.820.000,00. A segunda transferência, em 1963, envolveu a venda de duas porções de terra, com áreas de 623.590 m² e 191.098 m², que também passaram a ser de propriedade das Faculdades Anchieta. (CIA, 1973)

A área se apresenta como um terreno sem edificações, até o ano de 1966, quando a faculdade jesuíta Nossa Senhora Medianeira é transferida de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, para o terreno comprado, em 1959, pela Faculdade Anchieta. Funcionou plenamente

no terreno até o ano de 1969, quando a faculdade passou a funcionar em dois locais distintos (MAIA, 1991).

Figura 12 - Faculdade Nossa Senhora Medianeira de Nova Friburgo.



Fonte: Santos [S.d]

Parte funcionava no Km 25,5, onde “eram ministrados o curso regular de Filosofia” (Maia, 1991, p.413) e “[...]os cursos de Ciências Sociais, Letras e Pedagogia” (Maia, 1991, p.413) são ministrados no Colégio São Luís situado na Avenida Paulista. A faculdade era voltada, inicialmente apenas para pessoas que tivessem interesse em se juntar à companhia de Jesus como padres ou freiras, e funcionou no espaço do Centro Santa Fé até os anos de 1972. (Santana, 2015)

O mapa 07 mostra os 3 primeiros prédios da década de 1960 em que funcionava a faculdade; porém, como já explanado no capítulo de caracterização, existia a edificação na entrada da faculdade que oferecia serviço de saúde como apresenta o Informativo mensal de junho de 2015 do Centro Santa Fé, explicando que “Durante esta primeira fase, eram oferecidos gratuitamente aos habitantes do entorno atendimentos médico e odontológico” (Santana, 2015, p.04). Esse trabalho era realizado por ex-alunos do colégio São Luís, integrantes da Companhia de Jesus, e com um grupo de mulheres jesuítas chamadas de Irmãs de Santo André (Santana,2015).

MAPA 7 - Prédios da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira.



Fonte: Geosampa (1988).

Foi com a chegada das Irmãs de Santo André, uma congregação religiosa católica composta apenas por mulheres, que o espaço, anteriormente voltado para fins acadêmicos, começou a ser utilizado de maneira diferente. Três décadas após a criação da faculdade, a estrutura passou a abrigar atividades comunitárias voltadas à juventude do bairro.

Em 1994, o Centro Santa Fé destaca as irmãs Neide Salomão e Hetty Geuer, que iniciaram seu trabalho no espaço com intenção de ofertar atividades artísticas e culturais aos jovens da comunidade local do bairro Morro Doce, “marcando o início do trabalho artístico e cultural pelo qual o Centro Santa Fé é reconhecido até hoje.” (Santana, 2025, p.04)

Três anos após o início das atividades postas pelas irmãs de Santo André no espaço, um grupo de mães do bairro Morro Doce solicitaram um ambiente para seus filhos estudarem e prestarem vestibular (Santana, 2015). Com o espaço cedido, os padres que residiam no centro também ministravam aulas de atualidade. Notando o sucesso da ação, com as aprovações dos estudantes “a Companhia de Jesus assumiu integralmente o projeto, acrescentando à gama de atividades, oficinas de arte, cultura, informática e lazer, além de telecurso para adultos.” (Santana, 2015, p.05)

Foi nesse cenário que a Faculdade Nossa senhora medianeira foi transferida para outro local e o terreno passou a ser oficialmente o Centro Santa Fé. A partir de 1997, os edifícios existentes receberam anexos e novos blocos foram construídos para atender a nova demanda.

Alguns dos Anexos foram colocados junto aos edifícios existentes, como foi o caso de um anexo de salas de aula, área de churrasqueira e os blocos foram conectados, por passarelas cobertas. E o espaço permaneceu assim até o ano de 2019.

No referido ano o centro passa a funcionar em um outro espaço na região, no bairro Morro Doce, dentro do espaço urbano. Lá se perdeu o verde e o centro concentra todas as suas atividades em uma única edificação, enquanto o antigo espaço é completamente demolido para futuramente alocar o Centro Santa Fé e o centro logístico Syslog Perus.

Quadro 4 - Local onde o Centro funcionou a partir de 2019.



Fonte: Centro Santa Fé (2020).

Ao analisar a mudança do Centro Pastoral Santa Fé e sua relevância para a comunidade, é crucial enfatizar que, segundo os princípios expostos por Zancheti e Hidaka (2014) um dos princípios apresentados pelos autores é a significância de um bem que se caracteriza como a importância de um bem não é estática, mas surge de um processo de negociação e avaliação coletiva.

Ao aproximar nosso estudo do Centro Santa Fé, percebemos que o valor de um espaço cultural, como o Centro, não se limita apenas ao seu uso ou à sua função original, mas é continuamente formado pela interação entre vários atores sociais. Por exemplo, o que é valorizado pela comunidade local pode mudar de acordo com as alterações sociais, políticas e econômicas que acontecem ao seu redor.

Em relação ao Centro Santa Fé, observa-se uma evolução no valor cultural e simbólico atribuído ao local ao longo dos anos. Inicialmente, o local atuava como uma instituição de ensino voltada para a Companhia de Jesus e, posteriormente, evoluiu para um centro de atividades comunitárias, focado em atividades culturais e artísticas para a juventude local.

A adesão da comunidade às ações sociais do Centro Santa Fé, particularmente após a chegada das Irmãs de Santo André, demonstram a alteração no valor atribuído ao local. A

chegada dessas irmãs, com o propósito de converter o centro em um espaço para atividades culturais, representou um momento vital na criação de um novo sentido para o Centro Santa Fé.

No entanto, a decisão de demolir o edifício e transformar o local em um centro logístico, como o Syslog Perus, traz à tona a questão da mudança de valores ao longo do tempo. Como argumentado por Zancheti e Hidaka, a percepção sobre a significância de um bem é moldada por contextos urbanos e sociais que mudam constantemente (Zancheti; Hidaka 2014)

Assim, entende-se que, antes era considerado um bem cultural valioso, tanto pela comunidade local quanto pelos diversos atores envolvidos, passou a ser visto de forma diferente à medida que novas prioridades urbanísticas e econômicas foram definidas. A negociação entre esses diferentes interesses resultou em uma reconfiguração do espaço, que agora atende a outras necessidades, mas também perde uma parte do seu significado cultural, que é definida pela percepção social de um bem, ou seja, é o valor atribuído a um bem que é percebido por diferentes grupos e comunidades (Zancheti; Hidaka, 2014)

O Centro Santa Fé ilustra claramente o que os autores denominam significância cultural, no qual os valores atribuídos a um bem específico, em um determinado instante, podem ser completamente distintos dos que eram percebidos anteriormente. A contribuição de vários agentes sociais, tais como a comunidade local, a Companhia de Jesus, as Irmãs de Santo André e, mais recentemente, a empresa encarregada do centro logístico, é crucial para estabelecer essa relevância. As alterações de valores não acontecem de forma contínua, mas sim através de conflitos e acordos entre esses participantes, que acabam formando a história e a memória do local ao longo dos anos.

Ao analisar a mudança do Centro Pastoral Santa Fé e sua relevância para a comunidade, é crucial enfatizar que, segundo os princípios expostos por Zancheti e Hidaka (2014), a importância de um bem não é estática, mas surge de um processo de negociação e avaliação coletiva. O valor de um espaço cultural, como o Centro, não se limita apenas ao seu uso ou à sua função original, mas é continuamente formado pela interação entre vários atores sociais.

No caso do Centro Santa Fé, sua trajetória demonstra uma evolução no valor cultural e simbólico atribuído ao local ao longo dos anos. Inicialmente, tratava-se de uma instituição de ensino voltada para a Companhia de Jesus e, posteriormente, tornou-se um centro de atividades comunitárias, com forte adesão da população local, especialmente após a chegada das Irmãs de Santo André. Esse processo evidencia uma valorização coletiva do espaço enquanto bem cultural.

Entretanto, a decisão de demolir o edifício e transformá-lo em um centro logístico expõe a fragilidade das políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil. Em nível nacional,

o Decreto-Lei nº 25/1937, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico, estabelece que qualquer bem de valor histórico, artístico ou cultural pode ser tombado para sua preservação. Além disso, a Constituição Federal de 1988, reforça que a proteção do patrimônio cultural deve ser promovida pelo poder público, com participação da sociedade.

A ausência de qualquer medida de proteção para o Centro Santa Fé sugere tanto uma falta de informação da população sobre os mecanismos legais de preservação quanto uma possível falta de interesse dos gestores do espaço e dos órgãos competentes em reconhecer sua importância. A comunidade local, que se beneficiou das atividades culturais e sociais promovidas pelo Centro, poderia ter se mobilizado para solicitar seu tombamento. No entanto, a falta de acesso à informação sobre esses processos ou a inexistência de um movimento organizado em defesa do espaço contribuiu para a perda definitiva desse patrimônio.

5 Atividades do centro

O Centro Santa Fé sempre foi palco de atividades que fortalecem a vivência coletiva e o senso de pertencimento. Neste capítulo, destacam-se as iniciativas que contribuíram para a construção da memória coletiva local.

Inicialmente, além de aulas pré-vestibular, feitas nas salas de aula do centro, as ações sociais da obra buscavam compreender as necessidades locais, promovendo rodas de conversas ao ar livre com esses estudantes: “O grande objetivo, desde o início do trabalho, era o favorecimento das comunidades vizinhas.” (Santana, 2015) O Centro Santa Fé destaca a chegada do programa PSF- Programa de Saúde da Família Recando dos Humildes que era trabalhado na comunidade da região de Perus e Anhanguera trazido por eles junto à Associação de Moradores do Recanto dos Humildes (Santana, 2015).

Além de atuar com projetos sociais locais, o Centro ofertava bolsas de estudo. Após o ingresso nas universidades, os estudantes recebiam orientações ao longo da jornada acadêmica por meio de encontros do grupo Trilha (Santana, 2015). Esses eventos mostravam a preocupação do centro no desenvolvimento do jovem, dando-lhe suporte. Thaís Santana (2015) explica que com o avanço de políticas públicas por parte do governo entre 2000 e 2012, o projeto extinguiu os cursos pré-vestibulares e mudou seu foco trabalhando agora, entre turnos, com a autonomia nos jovens e a cidadania, cuidando das famílias locais.

Esse novo foco continua até hoje, pois: “O projeto prossegue oferecendo atividades a adolescentes de 12 a 18 anos que estejam em condições de vulnerabilidade social” (Santana, 2015) as atividades nos espaços passaram a ser desenvolvidas com oficinas com 3 eixos “Educação e cidadania”, como por exemplo com a oferta de oficinas de educação ambiental, na horta que tinha o espaço, sendo para os mais velhos ofertadas também atividades e orientações que os preparem para o mercado de trabalho, “Cidadania digital” e “Arte e cultura” com a oferta de oficinas de dança, capoeira e música, que eram feitas no salão e na quadra do centro (Santana, 2015). Esses eventos eram atividades fixas ofertadas durante todo o ano para os jovens do bairro.

Quadro 5 - Algumas das atividades realizadas no Centro Santa Fé.



Fonte: Autoria própria (2025).²³

Paralelo a isso, usando como aporte a minha vivência no espaço e o relato de frequentadores, coletados durante a construção deste trabalho e que serão apresentados no próximo capítulo, podemos afirmar que a Vila Gonzaga oferecia acolhimento a diversos eventos e palestras jesuítas, mas também auxiliava com a área livre, momentos de recreação com os estudantes do colégio São Luís, como podemos constatar nas figuras das atividades da Vila Gonzaga. Seu entorno paisagístico e suas quadras eram amplamente utilizadas nas atividades recreativas das crianças, como a criação do tobogã. O Quadro 06 abaixo, apresenta algumas das atividades.

Quadro 6 - Algumas das atividades realizadas na Vila Gonzaga.



Fonte: Colégio São Luís (2012).

²³ Imagem festa Junina retirada de: Centro Santa Fé 2018; Imagem Capoeira, Artesanato, Teatro retiradas de: Michele Oliveira, 2012; Imagem Pinturas, Cinema retirada de: Sarah Cazela, [S.d]

As atividades do Centro seguiram com o mesmo foco, até o ano de 2013, quando foi ampliada as ofertas de serviços, com aluguel de espaço para fazer eventos, “um dos objetivos do espaço é captar recursos que serão direcionados para os projetos sociais” (Jesuítas do Brasil, 2013). A setorização que ofertava esse serviço no espaço era chamada de Espaço Anhanguera Eventos, que durou e funcionou em conjunto as atividades do Centro até 2019 quando o antigo espaço do centro foi demolido, assim como a Vila Gonzaga.

6 Demolição

Com a dificuldade de comunicação com a atual direção do Centro, não se sabe e nem foi divulgado, até o presente momento, o motivo da demolição do espaço. Levanto como hipótese o potencial comercial da localização, terrenos situados na Rodovia Anhanguera, como já explanado anteriormente, visto que a economia molda as transformações urbanas.

Os registros encontrados online por mim, mostram que as movimentações para a demolição e construção do centro logístico datam do fim de 2019, como o Estudo de Impacto Ambiental e respectivo Relatório de Impacto Ambiental – EIA/RIMA²⁴. O estudo mostra que no terreno de 392.038,89 m² foram consideradas duas zonas reconhecidas pelo plano diretor, como mostra a Figura 13, nela temos parte do terreno com Zona de proteção da Área Verde e a outra é uma Zona Industrial, que fica paralela a rodovia anhanguera.

Figura 13 - Página 03 da apresentação do parecer técnico Parecer Técnico nº 005/CADES/2020.



Fonte: CADES (2020).

O referido documento data de janeiro de 2020, onde em nova reunião o Relatório de Impacto Ambiental e EIA/RIMA seria aprovado, caso houvesse o cumprimento de algumas condicionantes propostas pela Câmara Técnica III- Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, do

²⁴ CADES. Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Parecer técnico sobre a análise do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental – EIA/RIMA para o empreendimento Centro Logístico Syslog São Paulo.** 2020. Parecer Técnico nº 005/CADES/2020 Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/PARECER%20TECNICO%20syslog.pdf>. Acesso em: 09 set. 2024.

Conselho Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CADES. Gostaria de destacar algumas dessas condicionantes aqui:

[...]Apresentar a manifestação do DAEE quanto aos procedimentos a serem adotados para o tamponamento dos poços existentes na área do empreendimento. [...] Apresentar Análise do Risco Geotécnico, em função do volume de movimento de terra (corte e aterro) a ser executado na área do empreendimento. [...] Apresentar manifestação conclusiva do DCRA quanto a supressão de fragmento de vegetação nativa inserido em área de Patrimônio Ambiental [...] Apresentar Anuência da Prefeitura à supressão de fragmento de vegetação nativa inserido em área de Patrimônio Ambiental; [...] Anhanguera e as intervenções a serem realizadas. Caso não seja viável a aplicação no Parque Anhanguera, deverá ser apontada uma outra unidade de conservação apta a receber os recursos e as respectivas intervenções a serem realizadas. [...] Tendo em vista que as atividades realizadas no Centro Santa Fé possuem uma importante função social para a comunidade no entorno, o empreendedor deverá apresentar relatório demonstrando o andamento deste projeto no espaço provisório (CADES, 2020, p. 09- 12).

Esses requisitos evidenciam um impacto ambiental significativo, contrariando a ideia de uma demolição humanizada, tal documento evidencia uma preocupação em relação a devastação das áreas verdes, que existiam no terreno, destacando a transformação em grande escala. Confirmando isso em próprias palavras em documento fornecido pela empresa ²⁵Syslog Perus para esse estudo, é apontado como desafio “a execução da terraplanagem, com mais de 550 mil m³ de terras movimentados”. Por esse documento, percebe-se também que a área era viva, com poços d’água, que foram tampados, mudas de plantas foram doadas a espaços de preservação ambiental, como o Parque Anhanguera, da cidade de São Paulo.

Quadro 7 - Demolição e construção do centro logístico.



Fonte: CBRE (2021) .

²⁵ HSI - HEMISFÉRIO SUL DE INVESTIMENTOS. **Centro logístico Syslog Perus**. [S.d.]. Documento cedido pela empresa Syslog Perus, São Paulo.

Após a provação da documentação o projeto seguiu e a construção foi concluída em 2021, o espaço carregado de memórias foi demolido e até o presente ano de 2025, o Centro Santa Fé funciona nas instalações feitas pela empresa. Hoje uma grande parcela do terreno é composta por

[...]galpão para 18compartimentos, 108 docas e 800m lineares de fachadas frontais e mezaninos para áreas administrativas; prédio administrativo, áreas operacionais com vestiários para as 18 compartimentações, estacionamentos internos e externos para caminhões, carretas e veículos leves. Também possui área para expansão, hoje ocupa por depósito a céu aberto com 55 mil m² (HSI,2024)

Figura 14 - Projeto concluído.



Fonte: CBRE (2021) .

A figura 14, acima, apresenta o novo bloco massivo no qual está o centro logístico e também o Centro Santa Fé a esquerda, que hoje fica nesta única edificação, reduzida, composta por: salas de aula, artes, informática e multimídia. Um refeitório e uma capela na posição central, com uma grande cobertura metálica que configura o pátio sendo hoje o espaço para atividades recreativas. O complexo também conta com um campo de futebol e quadra poliesportiva. (HSI, 2021)

A coexistência de uma obra social com um centro logístico tem sua importância, pois visa atender às necessidades contemporâneas, que são válidas, e em muitos casos, necessárias para o desenvolvimento das comunidades. Contudo, é fundamental que haja uma reflexão profunda sobre como essa transformação ocorre, especialmente quando envolve lugares de memória.

Como já foi apresentado no referencial teórico deste documento, apagar símbolos e estruturas que representam uma parte importante da história pode resultar não apenas em uma perda física, mas em uma erosão da própria memória cultural e identitária do local. No caso do Centro Santa Fé, a ideia de coexistência foi preservada apenas parcialmente: sua função social permaneceu em certa medida, mas a ambiência arquitetônica e ambiental original, foi arrasada. A demolição não considerou a permanência do espaço como um todo, comprometendo não apenas a materialidade do centro, mas também as vivências e relações que ele abrigava.

No contexto do Centro Santa Fé, não restaram características antigas que lembrassem ao menos como era o centro, como apresenta o Quadro 08 a seguir, não ficou vestígios do lugar de memória que ele representava. A Syslog Perus explica que por ter sido construída junto ao centro logísticos ela apresenta também todos os sistemas construtivos industrializados, como concreto pré-moldado, estrutura metálica e sistemas de instalação.

Quadro 8 - Atual Centro Santa Fé.



Fonte: Matec Engenharia, [S.d]

7 Entrevistas

As entrevistas e formulários foram realizadas para entender como o centro pode ter sido um lugar de memória para os seus frequentadores, buscou-se identificar os marcos na arquitetura do espaço que formaram as memórias coletivas dessas pessoas partindo das suas percepções e experiências. Nesse contexto, apresento abaixo o quadro com o perfil dos respondentes da pesquisa e entrevistados.

Quadro 9 - Perfil dos entrevistados e respondentes

NOME	RELAÇÃO COM O CSF	DATA	FORMULÁRIO OU ENTREVISTA
A.B.	MORADOR E ZELADOR	30 DE NOVEMBRO DE 2024	ENTREVISTA
I.S.	MORADORA E COZINHEIRA	27 DE JANEIRO DE 2024	ENTREVISTA
A.M.	MOTORISTA	12 DE MARÇO DE 2025	FORMULÁRIO
R.D.	EDUCANDO E PROFESSOR	12 DE MARÇO DE 2025	FORMULÁRIO
S.C.	EDUCANDA E PROFESSORA	16 DE MARÇO DE 2025	FORMULÁRIO
M.M.	UMA DAS FUNDADORAS DO CENTRO E EDUCADORA SOCIAL	17 DE MARÇO DE 2025	FORMULÁRIO

Fonte: Autoria própria (2025).

Os resultados das entrevistas²⁶ e formulários serão apresentados a seguir. Para isso, foram destacadas algumas memórias significativas do espaço, no corpo do texto, podendo ter auxílio de imagens ou não. Ao final deste capítulo, se fez uma relação em diagrama dos pontos em comum na memória de cada indivíduo, como explicou o conceito de memória coletiva dada por Halbwachs (2006), são esses pontos em comum, na memória individual, que caracterizam a memória coletiva.

A.B, funcionário e morador, foi o primeiro entrevistado no dia 30 de novembro de 2024, ele que conheceu o Centro quando estava à procura de trabalho e foi funcionário entre os anos de 1997 a 2012, exercendo o cargo inicialmente de ajudante de pintor, já foi também vigia noturno, pedreiro, pintor e fazia a manutenção dos edifícios.

²⁶ O roteiro das entrevistas e formulários, assim como as respostas, se encontra nos anexos deste documento.

Ele destaca a capela como um dos edifícios mais significativos para a comunidade, assim como o espaço aberto, a quadra e campo também foi destacada por ele, por ser um espaço amplo que reunia muitas pessoas nos eventos. Ele explica que esse elemento no espaço dava qualidade de vida para quem vinha visitar, participando dos eventos, ou então da obra social.

Uma memória que ele quis destacar eram os encontros e eventos de funcionários que aconteciam nos edifícios. Ele explica que o amplo espaço permitia organizar muitas pessoas e deixar a confraternização acolhedora. Ao ser perguntado sobre como a demolição impactou as suas lembranças ele usou a frase: “Foi muito forte, era a minha casa, eu plantei árvores e tudo foi demolido”. No entanto, o que ele considera mais pesaroso foi a provável perda de empregos causadas pela demolição, uma vez que um espaço reduzido demanda menos pessoas, ele fala que muitos colegas perderam o trabalho.

As entrevistas seguiram, agora com a I.S, esposa do A.B, no dia 27 de janeiro de 2024, ela foi funcionária, exercendo o ofício de auxiliar de serviços gerais no Centro Santa Fé e Cozinheira no Vila Gonzaga e também foi moradora do Centro Santa Fé. Ela inicia a entrevista dizendo que o Centro e a vila Gonzaga eram tudo e muito para ela, foi um ambiente que ela guardou com muito carinho, pois suas filhas nasceram e puderam crescer bem por morarem lá, afirmando que é muito grata local acolhedor e aos padres que a ajudaram bastante.

Ela destaca algumas memórias que se relacionam ao espaço, sendo elas a cozinha do Santa Fé e do Vila Gonzaga, explicando que era o local onde mais tinha interação social. Ela destaca também o salão, a quadra de esportes e campinhos, dizendo que aconteciam imensas festas juninas para a comunidade, não só acadêmica, como do bairro Morro Doce. Quando perguntado como esse evento se organizava fisicamente no espaço, ela conta que tinha diversas barraquinhas no campo, apresentações na quadra e no salão e chegava a reunir mais de 2.000 pessoas na festa.

Figura 15 - Festa Junina no Centro Santa Fé.



Fonte: Cunha (2009).

Ao ser perguntada sobre o sentimento dela acerca da demolição, ela utilizou o termo “Devastador! Acabou meu Santa Fé”, ela diz ser uma perda irreparável a demolição da sua casa, mas ficou na lembrança dela. Afirmou que o Centro era um ambiente acolhedor, com pessoas maravilhosas, e que mesmo hoje não tendo mais contato com o atual Centro, ela guarda a obra social com muito carinho.

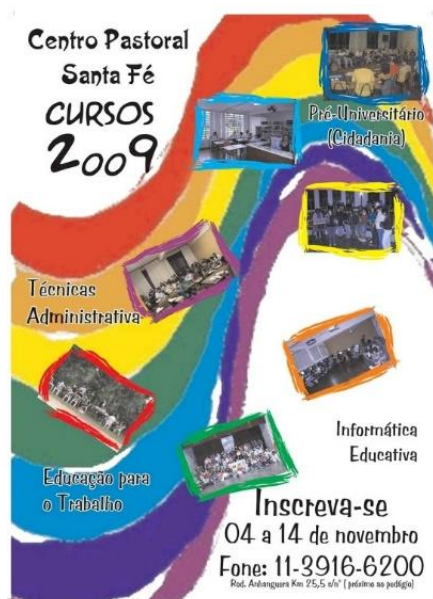
Um outro relato de grande destaque foi do professor R.D, que também foi educando e morador da região do Morro Doce, ele conta que, quando criança, mesmo antes de o antigo espaço ser o Centro Santa fé, ainda enquanto “Faculdade Anchieta”, o ambiente tinha um uso social: “eles disponibilizaram serviços para a comunidade como dentistas, e estive lá algumas vezes ainda criança para usufruir do serviço”. Após a criação do Centro ele participou desde o primeiro encontro de jovens, promovido pelo Padre Miguel Elosua e as Irmãs de Santo André.

R.D aponta que um grupo de moradores lideradas por “Madalena e Ayde entre outras, levou a proposta para CPSF da criança do CURSO PRE VESTIBULAR”, o qual ele foi o primeiro inscrito, e ingressou na universidade, retornando ao Centro como professor de Informática, desenho 3d, formação de liderança, engajamento com políticas públicas e sociais.

Ao responder à pergunta de qual espaço mais chamava sua atenção ele responde que o espaço como um todo, mas destaca a capela e a área verde. Ele explica que o Centro era um ambiente para a comunidade se encontrar e ir sentar na grama e que o espaço e as atividades levaram “sonhos a uma periferia que já tinha desistido de sonhar”.

Ao ser perguntado sobre o impacto da demolição ele se utiliza da palavra “devastador”, aponta também que muita história foi perdida por essa demolição, R.D sente um pesar pelos jovens que nunca conhecerão e nunca vão conseguir sentir o que um dia foi aquele espaço. Ele compartilha a Figura 17 abaixo que apresenta atividades do centro e a arte que produziu, e encerra a perguntas agradecendo pelas memórias trazidas.

Figura 16 - Informativo sobre cursos do Centro Santa fé em 2009.



Fonte: Cunha (2025).

Uma outra entrevista de destaque é a do motorista do Centro A.M que trabalhou no antigo espaço por 21 anos e 11 meses, como destacado por ele, ao ser perguntado do que mais lhe chamava atenção, foi destacado o Centro como o todo, como um conjunto, mas destacou locais onde mais teve mais interações sociais, sendo eles: a capela e áreas verdes, A.M. destaca a arborização do lugar, que transmitia paz.

A.M lamenta a perda, diz que foi algo triste, lamentável e considera a demolição uma perda para a comunidade, destacando um pesar pela atual ausência da natureza que havia ali. Ao ser questionado como ele descreveria o antigo espaço para alguém que não o conheceu ele respondeu com uma só palavra: Paradisiaco.

Outro relato de destaque é o da S.C. que iniciou sua relação com o Centro Santa Fé, fazendo curso de informática, ela conta que do ano de 1996 a 2000 ela foi educanda, em 2001 ela passou a ser educadora. Ao responder qual o seu espaço preferido e que mais chamava a atenção ela aponta o “Espaço Cultural” que se refere a área da quadra e o bloco de eventos, mas destaca que amava todos os lugares e que cada parte do Centro tem uma história dela.

S.C conta que os bairros vizinhos não tinham espaços tão amplos e bem arquitetados como o Centro Santa Fé, e que o ambiente se destacava na comunidade por oferecer um espaço com salas grandes, corredores com vista para o jardim, a capela e o espaço cultural. Ela conta que esses ambientes permitiam atividades que integravam natureza, cultura e esporte. A Vila Gonzaga, embora mais simples, mantinha o mesmo estilo.

Ela também aponta que o espaço acolhia a comunidade e que considerava um impacto positivo grande para os jovens da região. Ela destaca a quermesse que acontecia no Centro como um evento de destaque para a população do bairro, ela conta que todos participavam, tinha fogueira, barracas de comida, apresentações culturais e outras diversas atividades.

Sobre a demolição ela conta que ainda não processou esse fato, mesmo tendo sido convidada a conhecer o novo espaço, que antes era o complexo, não conseguiu. Quero destacar a frase dita por ela e que me marcou: “[...] o Espaço foi tão importante no que me tornei que não consigo pensar na inexistência daquele lugar de tanta importância”. Paralelo a isso ela conta que foi perdido um espaço de história, luta e transformação na vida de jovens que passaram por ali. Ao ser perguntada como descreveria o Centro para alguém que não conhece, ela escreve a música da Marisa Monte, Vilarejo²⁷, no formulário ela opta por compartilhar diversas fotos das atividades, das quais algumas se encontram no quadro 10 abaixo.

Quadro 10 - Registros de lembranças da entrevistada S.C.



M.M., respondente do formulário, conheceu o Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga em 1997, quando iniciou um trabalho com as irmãs de St. André, envolvendo encontros de jovens. Ela descreve o local como uma grande área verde com um prédio de dois andares, com salas, quartos e capelas, sendo utilizado como casa de retiro.

²⁷ Anexo A

Iniciou suas atividades no espaço como aluna de um curso de vela, ao mesmo tempo em que era monitora voluntária de grupos de Telecurso. Depois foi contratada como educadora social, trabalhando com adolescentes e jovens em atividades como artesanato, reforço escolar e projetos de vida. Ela não via seu trabalho como uma tarefa, mas como parte da formação dos jovens que, no futuro, seriam responsáveis no trabalho, na família e na sociedade. O local representava, para ela, um espaço de acolhimento e aprendizagem, onde passava por experiências que considera como uma verdadeira "faculdade" de vida.

O bosque entre os dois prédios e a entrada com caminhos floridos a encantavam. As atividades eram frequentemente realizadas ao ar livre, como rodas, dinâmicas, ginásticas e teatro no bosque. A arquitetura do local, com corredores que ligavam os prédios e a capela redonda com vitrais, também se destacava como um ponto de integração e espiritualidade.

A sala de artesanato, com grandes janelas de vidro e mesas de balcão, era um dos espaços mais acolhedores para ela. Era lá que muitas rodas de conversa e atividades aconteciam, com destaque para a obra do Aleijadinho, que decorava o ambiente. Ela descreve a sala como um local onde as pessoas sempre se sentiam à vontade e conectadas.

M.M acredita que o Centro Pastoral Santa Fé e a Vila Gonzaga tiveram um grande impacto na comunidade. Muitos jovens que passaram por lá se formaram e começaram a fazer a diferença em várias áreas, contribuindo de maneira significativa em suas comunidades. A comunidade local sente falta desse espaço e da oportunidade que ele oferecia aos jovens.

A demolição do Centro foi descrita como "catastrófica" e triste, especialmente porque o local representava um refúgio de paz e formação espiritual. Para ela, a perda das árvores, azaleias e o ambiente natural é uma dor, pois é esse espaço que moldava o interior das pessoas e oferecia uma formação diferenciada. Ela expressa frustração com a decisão dos Jesuítas, afirmando que "o dinheiro fala mais alto" e que os jovens não terão mais a oportunidade de viver essa experiência transformadora.

Para ela, o Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga era um lugar de qualidade de vida, paz, harmonia com a natureza e acolhimento. Era um espaço de formação, aprendizado e vivência, onde os indivíduos eram respeitados e ouvidos como únicos. A demolição representa a perda de um ambiente único de formação e de experiências que moldavam a vida dos jovens.

Ela compartilha de boas lembranças e saudade, nas seguintes fotos, do quadro 11, que cedeu para a pesquisa:

Quadro 11 - Registros de lembranças da entrevistada M.M.



O diagrama abaixo ilustra os espaços presentes na memória individual dos entrevistados e respondentes do formulário. Quanto maior o círculo, maior a presença desse espaço nas memórias, indicando que ele foi um ponto comum entre os participantes. Esses espaços podem ser caracterizados como marcos arquitetônicos da memória coletiva.

Figura 17 - Diagrama de espaços e símbolos da memória coletiva.



Fonte: Autoria própria (2025).

Este próximo diagrama faz menção a sensação trazida pelo complexo jesuíta em comparação a sensação da demolição do espaço, assim como o diagrama anterior quanto maior o círculo, maior a presença dessa sensação nos viventes.

Figura 18 - Diagrama das sensações da demolição.



Fonte: Autoria própria (2025).

8 Considerações finais

Este trabalho chega ao fim com uma análise crítica que pretende discutir a fragilidade dos lugares de memória e bens históricos dentro do turbilhão das transformações urbanas contemporâneas. O caso do Centro Pastoral Santa Fé, a demolição de um espaço de relevância histórica e social para a comunidade local, como demonstraram as entrevistas e respostas, em favor de um centro logístico é uma "tragédia anunciada" do mundo capitalista. Estamos assistindo um exemplo de como os valores mercadológicos se sobrepõem, aos valores culturais, sociais e identitários de um território. O centro da questão é simples: no jogo das grandes decisões urbanas, o capital sempre ganha – e quem perde? A história, a memória coletiva e a identidade do bairro Morro Doce.

O que proponho aqui é resgatar a história do Centro Pastoral Santa Fé, mas mais do que isso: é recuperar as memórias coletivas daqueles que passaram por ali, que viveram e se sentiram pertencentes a esse espaço, assim como eu. Os antigos frequentadores do Centro, quando lembram do local, falam com um misto de carinho e saudade.

Para eles, o Centro Pastoral Santa Fé não era só mais um prédio no mapa da cidade. Era um ponto de encontro, um lugar de transformação e convivência, onde a comunidade se encontrava, compartilhava experiências e criava um sentido de coletividade. Mas, esses elementos humanos e simbólicos não mostraram valor algum no sistema econômico atual.

A memória coletiva, conforme Halbwachs (2006) nos apresenta, não é uma simples recordação pessoal, ela se constrói no coletivo, no encontro entre um grupo e o espaço que ocupa. O Centro Pastoral Santa Fé, com seus pontos icônicos, apontados nas entrevistas e formulários – a capela, o espaço verde e a festa junina na quadra – eram símbolos dessa identidade coletiva.

Para a comunidade que frequentava o local, esses elementos se mostraram referências de pertencimento. Porém, quando esse espaço é destruído, o que se perde não é só uma estrutura física, mas um pedaço de história, uma conexão de pertencimento que estava viva nas memórias daqueles que o viveram. Como Halbwachs (2006) nos lembra, a relação entre o grupo e o espaço é o que legitima a apropriação simbólica do espaço pelo grupo. A demolição do Centro é um sinal claro de como a sociedade moderna tem pouca paciência para essas questões "românticas" e "anacrônicas" de memória.

Dirceu Junior (2014) vem com um lembrete urgente: o passado é um componente essencial da identidade urbana. O passado não deve ser apenas uma "coisa do passado", mas uma dimensão fundamental para se entender a cidade no presente. Afinal, ao destruir espaços

carregados de história, não estamos apenas alterando a fisionomia da cidade; estamos esvaziando-a de seus significados (Candau, 2023).

Tal fenômeno tem um efeito direto sobre a forma como as pessoas se relacionam com a cidade. Como aponta Joel Candau (2023), a perda desses marcos simbólicos não resulta apenas na desfiguração do espaço urbano, mas também na alienação daqueles que habitam esses espaços, que perdem o vínculo afetivo com seu próprio território.

Não se pode falar sobre a destruição do Centro Pastoral Santa Fé sem lembrar dos impactos sociais e econômicos que essa transformação gerou para a comunidade local. Não se tratou apenas da perda do complexo de edificações. Essa demolição afetou as relações sociais, o cotidiano dos moradores e até mesmo a paisagem e os bens naturais que existiam ali, haviam antes grandes encontros e missas, como apontaram as entrevistas. O espaço foi retirado, sim, mas com ele foram embora as lembranças, as vivências e os empregos que ali existiam.

Com os fatos e conceitos apresentados compreendeu-se que a "modernização" da cidade trouxe consigo o apagamento de tudo o que o Centro significava para essas pessoas. O espaço, que antes era um elo entre o presente e o passado, agora é um vazio, uma marca apagada na memória coletiva. E, assim, mais uma vez, o capitalismo fez seu trabalho: destruir para construir um futuro que só atende a um pequeno grupo. A cidade, como argumenta Halbwachs (2006), não é apenas uma construção física. Ela é, sim, um território impregnado de significados, de memórias que definem as identidades locais.

Henri Lefebvre (2001), ao falar do "direito à cidade", nos lembra que, quando os espaços são expropriados em nome do progresso econômico, o direito dos cidadãos de viverem na cidade de forma plena é violado. O direito à cidade não é um direito abstrato. É o direito de viver e habitar um espaço com dignidade e significado. No entanto, a lógica urbanística atual é simples: a cidade deve servir ao capital, não às pessoas, Dirceu (2014), inclusive aponta a política e a economia como os agentes com o poder de modificar o espaço, que está cada vez mais um território destinado à circulação de mercadorias, não ao encontro humano ou à construção de comunidades.

Pode-se entender que a cidade está se tornando uma "cidade genérica", sem história, sem identidade, onde a única preocupação é a produtividade e a circulação de capital, "[...] seria então a cidade que se auto-reproduz sem "sentimentalismo", sem a menor preocupação com uma singularidade que lhe seria própria, a cidade que nasce e renasce em função das necessidades e contingências" (Koolhaas apud Jeudy, 2005).

A destruição do Centro Pastoral Santa Fé, a substituição de um lugar de memória e convivência por um centro logístico, é apenas mais uma ilustração de como o espaço urbano

está se tornando cada vez mais uma abstração econômica. É um espaço homogêneo, sem singularidade, sem história. E por trás disso tudo, as forças invisíveis do mercado continuam determinando o que deve e o que não deve existir na cidade.

Então, qual é a grande questão aqui? A quem pertence a cidade? Quem decide o que deve ser preservado e o que pode ser jogado fora? Atualmente a verdadeira resposta parece ser simples: a cidade pertence àqueles que podem pagar por ela. Os interesses econômicos, junto ao poder estatal, são os únicos árbitros do que se preserva e do que se destrói. E as pessoas, essas, continuam invisíveis ou muito ausentes nesse processo. No fim das contas, a destruição do Centro Pastoral Santa Fé não é um caso isolado. É apenas uma parte de um processo mais amplo de urbanização mercantilizada.

Portanto, é urgente repensar o planejamento urbano. Não podemos mais aceitar que as cidades sejam projetadas exclusivamente para o capital. Como Kevin Lynch (2011) nos lembra, a qualidade do ambiente urbano está intimamente ligada às imagens mentais que os habitantes constroem dele. Se apagarmos essas imagens, o que nos resta? Um espaço vazio, funcional, mas sem significado. E, quando isso acontecer, podemos ter certeza: não será mais a cidade de ninguém. Será apenas uma cidade "genérica", sem alma, sem história, sem gente. E quem vai se importar com isso? A cidade será, no fim, apenas mais um centro logístico.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Papirus Editora, 2017.

BERNAL, Gustavo Adolfo Morales. **Construir sobre lo construido: arquitectura y patrimonio en la obra de Rafael Moneo**. 2019. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitectura, Universidad Politécnica de Madrid, Madrid, 2019.

BRASIL. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 6 dez. 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm . Acesso em: 01 mar. 2025

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 01 mar. 2025.

CADES. Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Parecer técnico sobre a análise do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental – EIA/RIMA para o empreendimento Centro Logístico Syslog São Paulo**. 2020. Parecer Técnico nº 005/CADES/2020 Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/PARECER%20TECNICO%20syslog.pdf>. Acesso em: 09 set. 2024.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2023. 223 p.

CANO, Wilson. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. Campinas: Unicamp, 2007. 308 p.

CIA. BRASILEIRA DE CIMENTO PORTLAND PERUS. **Declaração de Imposto de Renda**, 1973. Número do registro 00291. São Paulo, 1973.

COMPANHIA DE JESUS. **A chegada dos jesuítas no Brasil e as primeiras escolas**. História da Educação Jesuíta no Brasil. [S.d.] . Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.214/6929>. Acesso em: 16 mar. 2025.

Companhia de Jesus. **Quem Somos. Jesuítas do Brasil**. [S.d]. Disponível em: <https://jesuitasbrasil.org.br/quem-somos/> .Acesso em: 16 mar. 2025.

DESENVOLVE SP. **Mapa da economia paulista: relatório. 2024**. Disponível em: <https://www.desenvolvesp.com.br/mapadaeconomiapaulista/relatorio/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

DUARTE, Cláudia Cristina Gomes. **Sistema territorial jesuíta: o caso do Espírito Santo**. Vitruvius, 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.214/6929>. Acesso em: 16 mar. 2025.

FIGUEIREDO, Candido. Novo Dicionário da **Língua Portuguesa**. São Paulo: Gutenberg, 2010. 360 p. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura. O desenvolvimento de uma nova tradição.** Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2004.

GRACIA, Francisco de. Construir em lo construido: **la arquitectura como modificación.** Santa Maria Magdalena: Nerea, 1992. 314 p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: **os discursos do patrimônio cultural no brasil.** Rio de Janeiro: Ufrj/ Ministério da Cultura- Iphan, 2002. 147 p.

GONÇALVES, Reginaldo Santos. **Patrimônio, espaço público e cultura subjetiva.** In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone (Org.). A antropologia na esfera pública: Patrimônios culturais e museus. Goiana: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 29-47.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HSI - HEMISFÉRIO SUL DE INVESTIMENTOS. **Centro logístico Syslog Perus.** [S.d.]. Documento cedido pela empresa Syslog Perus, São Paulo.

CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 2020. 248 p.

MARICATO, Ermínia. A produção capitalista da casa (da cidade) no Brasil Industrial. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1982. 155 p.

JESUITAS DO BRASIL. **Companhia de Jesus inaugura Espaço Anhanguera.** 2013. Disponível em: <https://jesuitasbrasil.org.br/companhia-de-jesus-inaugura-espaco-anhanguera/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades.** Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2005.

JUNIOR, Dirceu Piccinato. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 16, n. 2, p. 246-246, 2014.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KLEIN, Pe. Luiz Fernando. **Trajetória da educação jesuítica no Brasil.** Apresentação no Ciclo de Debates 2016, Pateo do Collegio, São Paulo, 21 maio 2016, sob o título *A Pedagogia Jesuítica*.

LEFEBVRE, Henri et al. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

MENDONÇA, Ligia Bahia de et al. **O silêncio da ação: Jesuítas no Brasil pós-Reforma Pombalina.** 2010.

Maia, P. (1991). **As peripécias de uma faculdade de filosofia (1941-1991).** *Síntese: Revista De Filosofia*, 18(54). Recuperado de <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1584>

OLIVEIRA, Cássio Antunes. **Eixos de desenvolvimento, transportes e logística no estado de São Paulo.** Caderno Prudentino de Geografia, v. 2, n. 32, p. 185-304, 2010.

REGIÃO ADMINISTRATIVA SÃO PAULO. **Desenvolve SP, 2024.** Disponível em: <https://www.desenvolvesp.com.br/mapadaeconomia paulista/ra/sao-paulo/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

REGO, Renato Leão; DELMONICO, R. **Casas de estilo: arquitetura moderna e edificações residenciais em Maringá, Estado do Paraná**: Acta Scientiarum. Technology (Impresso), v. 25, p. 179-184, 2003.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: Iphan/Copedoc, 2007. 152 p.

SANTANA, Thaís. **Centro Santa Fé 18 anos**. Issuu, 4 jul. 2015. Disponível em: [https://issuu.com/centrosantafe/docs/04 - jornal semeando informa es](https://issuu.com/centrosantafe/docs/04_-_jornal_semeando_informa_es). Acesso em: 9 nov. 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

GOV.BR. **O desmonte do Morro do Castelo**. 2020. Daniele Simas. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/o-desmonte-do-morro-do-castelo>. Acesso em: 27 nov. 2024.

TERRA, João Evangelista Martins. **Bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus**. *Pensar: Revista Eletrônica da FAJE*, v. 5, n. 2, p. 325-329, 2014.

VIOTTI, Hélio Abranches. **A fundação de São Paulo pelos jesuítas**. *Revista de História*, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 119–133, 1954. DOI: [10.11606/issn.2316-9141.v8i17p119-133](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v8i17p119-133). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36094>. Acesso em: 16 mar. 2025.

ZANCHETI, Silvio Mendes; HIDAKA, Lúcia Tone Ferreira. **A declaração de significância de exemplares da arquitetura moderna**. Textos para Discussão, n. 57, Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, Olinda, 2014. ISSN 1980-825.

APÊNDICE A – ROTEIRO BASE DA ENTREVISTA

NOME DO ENTREVISTADO:

DATA:

RELAÇÃO COM O CENTRO SANTA FÉ:

1. Como você conheceu esse ambiente?
2. Quais eram suas principais atividades ou responsabilidades no antigo espaço?
3. O que o Centro Pastoral Santa Fé ou a Vila Gonzaga significava para você pessoalmente?
Qual a importância desse lugar em sua vida?
4. Qual era seu espaço preferido e o que te chamava a atenção?
5. Como a arquitetura do Santa Fé/Vila Gonzaga influenciava as suas interações sociais ou da comunidade?
6. Qual espaço do Santa fé você mais teve interações sociais?
7. De que forma você acredita que o espaço e as atividades Centro ou a Vila Gonzaga impactavam a comunidade ao redor?
8. Havia aspectos do ambiente que tornavam o Centro/Vila Gonzaga único ou especial na sua experiência? Quais?
9. Quando você pensa no antigo Centro Pastoral/Vila Gonzaga, quais são as imagens ou sensações que surgem na sua memória?
10. Você lembra de algum evento ou atividade ao ar livre no Centro Pastoral/Vila Gonzaga?
Como esse evento ou atividade era organizado no espaço?

11. Na sua visão, o Centro Pastoral/Vila Gonzaga representava um ponto de encontro ou um refúgio para os moradores?
12. Você tem relação com o atual espaço?
13. Qual foi o impacto da demolição do Santa Fé/Vila Gonzaga nas suas memórias pessoais?
14. Qual consequência você considera mais triste acerca da perda do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga?
15. Como você avalia a forma como a demolição e a mudança foram comunicadas à comunidade?
16. Você Sabe se houve alguma ação impeditiva a demolição do centro?
17. Como você descreveria para alguém que não conhece como era o espaço físico do Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga?

APÊNDICE B- RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

NOME DO ENTREVISTADO: A.B.

DATA: 30 de novembro de 2025

RELAÇÃO COM O CENTRO SANTA FÉ: Morador e Funcionário

1. Como você conheceu esse ambiente?

Estava a procura de trabalho e fui chamado para trabalhar lá com os padres.

2. Quais eram suas principais atividades ou responsabilidades no antigo espaço?

No começo era ajudante de pintor, depois se tornou pintor e pedreiro, fez também alguns trabalhos como vigia e fazendo manutenção nos prédios.

3. O que o Centro Pastoral Santa Fé ou a Vila Gonzaga significava para você pessoalmente?

Qual a importância desse lugar em sua vida?

Significa muita coisa, muitas das coisas que tenho foi adquirida com a oportunidade de trabalho no centro. Ela é muito importante para a minha vida.

4. Qual era seu espaço preferido e o que te chamava a atenção?

Os jardins e as áreas externas eram o local favorito, traziam paz e sossego no local do trabalho.

5. Como a arquitetura do Santa Fé/Vila Gonzaga influenciava as suas interações sociais ou da comunidade?

Tinham bastante espaço de encontros e palestras, e espaço para os projetos sociais.

6. Qual espaço do Santa fé você mais teve interações sociais?

Na oficina e no espaço aberto do jardim.

7. De que forma você acredita que o espaço e as atividades Centro ou a Vila Gonzaga impactavam a comunidade ao redor?

O centro fazia muitos eventos e atividades para a comunidade e junto com a igreja católica local.

8. Havia aspectos do ambiente que tornavam o Centro/Vila Gonzaga único ou especial na sua experiência? Quais?

Sim. A capela para ele era um espaço único e especial, o auditório também era grande e bonito.

9. Quando você pensa no antigo Centro Pastoral/Vila Gonzaga, quais são as imagens ou sensações que surgem na sua memória?

A imagem que vem na cabeça dele era o todo, o espaço livre e os espaços de manutenção, ele lembra com uma sensação boa.

10. Você lembra de algum evento ou atividade ao ar livre no Centro Pastoral/Vila Gonzaga?

Como esse evento ou atividade era organizado no espaço?

O evento que ele lembra são as confraternizações entre os funcionários. Mas destaca que tinha diversos outros eventos no campo, quadra e áreas verdes de jardim, era bom para quem ia visitar e quem morava lá.

11. Na sua visão, o Centro Pastoral/Vila Gonzaga representava um ponto de encontro ou um refúgio para os moradores?

Sim. O espaço promovia um local acolhedor com as ações da obra social que eram feitas ali, com a entrega de cesta básica, hortas pra educação.

12. Você tem relação com o atual espaço?

Não.

13. Qual foi o impacto da demolição do Santa Fé/Vila Gonzaga nas suas memórias pessoais?

Foi forte, porque o centro era que nem uma casa para ele, ele diz que “lá eu construir árvores e foi tudo demolido”.

14. Qual consequência você considera mais triste acerca da perda do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga?

O desemprego que gerou. Ele diz que a demolição desempregou muita gente, muitos colegas.

15. Como você avalia a forma como a demolição e a mudança foram comunicadas à comunidade?

Ele diz que acredita que pra comunidade deve ter sido triste, assim como pra ele, mas que ficou sabendo por colegas que saíram da empresa.

16. Você Sabe se houve alguma ação impeditiva a demolição do centro?

Não que ela saiba.

17. Como você descreveria para alguém que não conhece como era o espaço físico do Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga?

Era um Lugar Tranquilo, confortável, com muitas árvores nos jardins e prédios espaçosos.

NOME DO ENTREVISTADO: I.S.

DATA: 27 de janeiro de 2025

RELAÇÃO COM O CENTRO SANTA FÉ: Moradora e Funcionária

1. Como você conheceu esse ambiente?

Através do marido que foi morar lá, por conta do trabalho.

2. Quais eram suas principais atividades ou responsabilidades no antigo espaço?

Na Vila Gonzaga foi cozinheira e auxiliar de serviços gerais e no Centro Santa Fé foi auxiliar de serviços gerais.

3. O que o Centro Pastoral Santa Fé ou a Vila Gonzaga significava para você pessoalmente?
Qual a importância desse lugar em sua vida?

Era tudo e muito, amava morar lá, era muito bom., um lugar muito importante, pois foi onde as filhas nasceram e cresceram, em um bom lugar. Era um lugar que reunia pessoas importantes que ajudaram muito a família. Ela é muito grata ao lugar e diz que tem muito carinho.

4. Qual era seu espaço preferido e o que te chamava a atenção?

A casa dela era o lugar favorito dela, ela gostava da área da casa com o jardim em volta.

5. Como a arquitetura do Santa Fé/Vila Gonzaga influenciava as suas interações sociais ou da comunidade?

Tinham bastante espaço aberto verde e espaços lá dentro, o auditório ela recorda dizendo que era um ótimo espaço para os visitantes, enchia os olhos de quem ia visitar.

6. Qual espaço do Santa fé você mais teve interações sociais?

Na cozinha era o espaço que ela mais interagia com as pessoas.

7. De que forma você acredita que o espaço e as atividades Centro ou a Vila Gonzaga impactavam a comunidade ao redor?

Com os vários eventos para as pessoas que moravam ao redor e eles ajudavam as crianças carentes, era muito importante para a redondeza.

8. Havia aspectos do ambiente que tornavam o Centro/Vila Gonzaga único ou especial na sua experiência? Quais?

A capela para ela era um espaço único e especial, era muito lindo junto ao jardim.

9. Quando você pensa no antigo Centro Pastoral/Vila Gonzaga, quais são as imagens ou sensações que surgem na sua memória?

Sensação muito boa, no centro pastoral a primeira imagem dela é o corredor da portaria no bloco de aulas, no Vila Gonzaga a imagem que ficou na cabeça dela foi uma estátua de Jesus. Como ela conviveu muito tempo no centro, sente saudades, era muito bonito e bom de caminhar com suas filhas pela tarde lá.

10. Você lembra de algum evento ou atividade ao ar livre no Centro Pastoral/Vila Gonzaga?
Como esse evento ou atividade era organizado no espaço?

O evento que ela lembra é a festa junina. tinha bastante espaço na quadra pra fazer o evento, ela diz que juntavam mais de 2000 pessoas nesse evento, era bem organizado, tinham barraquinhas em todo o espaço aberto e atrações.

11. Na sua visão, o Centro Pastoral/Vila Gonzaga representava um ponto de encontro ou um refúgio para os moradores?

Sim. Era um ponto de encontro ou refúgio, as pessoas poderiam ir para descansar, caminhar, estudar ou refletir.

12. Você tem relação com o atual espaço?

Não.

13. Qual foi o impacto da demolição do Santa Fé/Vila Gonzaga nas suas memórias pessoais?

Devastadora, deixou ela extremamente triste. “Acabou meu santa fé” disse ela, mas, ficou a lembrança. Foi muito triste, era um ambiente muito bom pra todo mundo, tenho carinho.

14. Qual consequência você considera mais triste acerca da perda do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga?

Ter derrubado a casa que ela morou lá, e que as suas crianças nasceram.

15. Como você avalia a forma como a demolição e a mudança foram comunicadas à comunidade?

Ela só ficou sabendo depois, por colegas, não sabe como foi passado para a comunidade.

16. Você Sabe se houve alguma ação impeditiva a demolição do centro?

Não que ela saiba.

17. Como você descreveria para alguém que não conhece como era o espaço físico do Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga?

Era um lugar acolhedor, de padres e pessoas boas. Tinha muito espaço pra caminhar e andar.

A capela era linda.

APÊNDICE C – PERGUNTAS E RESPOSTAS DO FORMULÁRIO

18/03/2025, 09:06

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

E-mail *

R.D

Você frequentou o Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

- ☐ Os dois
- ☒ Apenas o Centro Santa fé
- ☐ Apenas a Vila Gonzaga

Como você conheceu esse ambiente? *

Como morador do jardim santa a antiga "faculdade Anchieta" sempre fez parte da história local mesmo antes do "centro pastoral santa fé" ser criado, como prédio da faculdade antes do CPSF ele disponibilizaram serviços para a comunidade como dentistas, e estive lá algumas vezes ainda criança para usufruir do serviço, anos mais tarde sobre a administração dos jesuítas (padre Miguel Elosua) e colaboração das Irmãs de Santo André (no comando da Irmã Neide), iniciei um trabalho com os jovens da região com encontros para jovens católicos, e tive a felicidade de participar desde o primeiro, mais tarde até fazendo parte da equipe de coordenação desde então. Posteriormente vendo a necessidade da região com educação (e os jesuítas têm como missão a educação) e a baixa quantidade de jovens da região a ingressar na faculdade um grupo de moradores encabeçou a Madalena, Ayde entre outras, levou a proposta para CPSF da criação do CURSO PRE VESTIBULAR (mais tarde com o nome de Pré universitário) onde eu novamente tive a felicidade de ser o Primeiro inscrito para a lista de educandos do recém formado curso. E nisso foi mais um ano de história, e amigos pelo caminho. Anos depois já na faculdade fui convidado pelo padre Miguel a substituir um professor de informática que havia ficado doente, e nisso foram 12 anos como educador. São muitas lembranças e muitas histórias.

Quais eram suas principais atividades ou responsabilidades no antigo espaço? *

Eram inúmeras, participação na formação de um protagonismo juvenil, curso pré universitário, cursos de técnicas administrativas, informática, desenho 3d, formação de liderança, engajamento com políticas públicas e sociais. O CPSF foi um divisor de águas na região

18/03/2025, 09:06

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

O que o Centro Pastoral Santa Fé ou a Vila Gonzaga significava para você pessoalmente? *

Qual a importância desse lugar em sua vida?

Eu uma Frase resume bem isso e era o lema CONSTRUINDO HISTÓRIAS, RESCATANDO A CIDADANIA

Qual era seu espaço preferido e o que te chamava a atenção? *

Ele num todo, a capela para meditação, ares do curso o verde e a paz do local

Como a arquitetura (prédios e espaços de jardim) do Santa Fé/Vila Gonzaga influenciava as suas interações sociais ou da comunidade? *

Era um espaço pra comunidade até para simplesmente ir e sentar na grama e ouvir o silêncio e se encontra com o eu pessoal

Qual espaço do Santa fé/Vila Gonzaga você mais teve interações sociais? *

Todo ele fiz parte do corpo de educadores e coordenadores de encontros de jovem

De que forma você acredita que o espaço e as atividades Centro ou a Vila Gonzaga impactavam a comunidade ao redor? *

Principalmente levou sonhos a uma periferia que já tinha desistido de sonhar

O que tornava o Centro/Vila Gonzaga único ou especial na sua experiência? Porquê? *

Como relatado anteriormente apenas viver aquilo era transformador, fazer parte foi uma grata felicidade

18/03/2025, 09:06

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

Quando você pensa no antigo Centro Pastoral/Vila Gonzaga, quais são as imagens ou sensações que surgem na sua memória? *

São tantas memórias, a mais impactante é uma imagem do primeiro encontro de jovens

Você lembra de algum evento ou atividade ao ar livre no Centro Pastoral/Vila Gonzaga? Como esse evento ou atividade era feito nesse espaço? *

Tem muitos, um que mais impactante foi qd fizemos uma semana do meio ambiente e colocamos bailarinas devendo os prédios com projeções na parede.

Na sua visão, o Centro Pastoral/Vila Gonzaga representava um ponto de encontro ou um refúgio para os moradores? *

☒ Sim

☐ Não

Qual foi o impacto da demolição do Santa Fé/Vila Gonzaga nas suas memórias pessoais? *

Devastador, tanta história perdida

O que você considera mais triste acerca da perda do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

A região ficou sem um norte para os jovens

Como você descreveria para alguém que não conhece como era o antigo do Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga? *

Difícil e tanto sentimento envolvido, os jovens q não conheceram não vão conseguir nem visualizar o que foi só narrando, e vendo fotos do local

18/03/2025, 09:06

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

Gostaria de deixar uma lembrança ou uma foto de um momento especial no antigo espaço do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga .

 Screenshot_202... Adicionar arquivo

Escreva aqui

Muito obrigado pelas lembranças trazidas

Este formulário foi criado em UFERSA.

Google Formulários

18/03/2025, 09:06

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

E-mail *

A.M.

Você frequentou o Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

- ☒ Os dois
- ☐ Apenas o Centro Santa fé
- ☐ Apenas a Vila Gonzaga

Como você conheceu esse ambiente? *

Trabalhei no Centro Santa Fé por 21 anos e 11 meses.

Quais eram suas principais atividades ou responsabilidades no antigo espaço? *

No primeiro momento motorista fazendo o transporte dos educandos e dos Jesuítas.

O que o Centro Pastoral Santa Fé ou a Vila Gonzaga significava para você pessoalmente? *

Qual a importância desse lugar em sua vida?

Proporcionar atendimento humanizado e proporcionar oportunidades aos mais necessitados.

Qual era seu espaço preferido e o que te chamava a atenção? *

Todo espaço.

18/03/2025, 09:06

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

Como a arquitetura (prédios e espaços de jardim) do Santa Fé/Vila Gonzaga influenciava as suas interações sociais ou da comunidade? *

Lugar arborizado, capela aconchegante, muito verdade, local de paz.

Qual espaço do Santa fé/Vila Gonzaga você mais teve interações sociais? *

Centro Santa Fé

De que forma você acredita que o espaço e as atividades Centro ou a Vila Gonzaga impactavam a comunidade ao redor? *

Oferecendo acolhimento e contribuindo no fortalecimento de vínculos.

O que tornava o Centro/Vila Gonzaga único ou especial na sua experiência? Porquê? *

Através da acolhida e atendimento, das atividades ofertadas pelo Centro Santa Fé, contribuir para o crescimento e evolução dos atendidos.

Quando você pensa no antigo Centro Pastoral/Vila Gonzaga, quais são as imagens ou sensações que surgem na sua memória? *

Gratidão, experiências, futuro melhor.

Você lembra de algum evento ou atividade ao ar livre no Centro Pastoral/Vila Gonzaga? Como esse evento ou atividade era feito nesse espaço? *

Quermesse, estudo de meio em Ouro Preto, inserção ao MST.

18/03/2025, 09:06

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

Na sua visão, o Centro Pastoral/Vila Gonzaga representava um ponto de encontro ou um refúgio para os moradores? *

☒ Sim

☐ Não

Qual foi o impacto da demolição do Santa Fé/Vila Gonzaga nas suas memórias pessoais? *

Triste, lamentável. Grande perda para comunidade.

O que você considera mais triste acerca da perda do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

Não poder oferecer atendimento aos necessitados, destruição da natureza.

Como você descreveria para alguém que não conhece como era o antigo do Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga? *

Local simplesmente paradisíaco.

Gostaria de deixar uma lembrança ou uma foto de um momento especial no antigo espaço do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga .

 Adicionar arquivo

Escreva aqui

Este formulário foi criado em UFERSA.

Google Formulários

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

E-mail *

M.M.

Você frequentou o Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

- ☒ Os dois
- ☐ Apenas o Centro Santa fé
- ☐ Apenas a Vila Gonzaga

Como você conheceu esse ambiente? *

Nos anos 1997 iniciava um trabalho com as irmãs de St. André Sj com encontro de jovens que acontecia neste espaço e na época eu participava da Cebs (comunidade eclesial de base) e levava minhas filhas para participarem. Em um destes encontros fui conhecer a grande área verde com um grande prédio de dois andares com muitas salas e quartos e capelas. Pois este lugar era usado como casa de retiro.

Quais eram suas principais atividades ou responsabilidades no antigo espaço? *

Comecei frequentando o espaço uma vez na semana fazendo um curso de vela como aluna e ao mesmo tempo era monitória voluntária de grupos de telecurso 1 grau. Depois de um tempo fui contratada para trabalhar como educadora social (artesanatos variados, projeto de vida, reforço escolar) com adolescentes e jovens. Tinha muitas formações, encontros e retiros. Foram anos de muito envolvimento com a juventude tentando orientar para uma melhor qualidade de vida. Sempre enfatizando o buscar o poder do "ser" como pessoa, sem prioridade para "ter". Trabalhamos muito questões sociais, culturais, valorização da família. Os Jesuítas estão ligados à educação e estão muito a frente do tempo, por isso tínhamos e passávamos ao nosso jovens muita informações importante para o convívio na sociedade com mais participação.

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

O que o Centro Pastoral Santa Fé ou a Vila Gonzaga significava para você pessoalmente? *

Qual a importância desse lugar em sua vida?

Sempre disse que não era um trabalho. Acreditava que fazia parte da formação daqueles os quais no futuro estariam sendo os responsáveis no trabalho, na família, socialmente etc. Eles tinham que ser os melhores e felizes podendo escolher seus destinos pois estaria preparado, futuramente em algum lugar eles fariam a diferença. Isso sempre foi minha maior motivação para todos os dias entrar pelos portões do C.P.S.F onde a natureza dizia bom dia seja bem vinda!

Fiquei por 20 anos dentro deste espaço, foi uma faculdade com mestrado e doutorado por tudo que vivi no Centro Pastoral St Fe conheci lugares, partihei muito, conheci muitas pessoas fiz amigos pra vida toda.

Qual era seu espaço preferido e o que te chamava a atenção? *

E o bosque entre os dois prédios

A entrada um caminho com azaleias coloridas.

Como a arquitetura (prédios e espaços de jardim) do Santa Fé/Vila Gonzaga influenciava as suas interações sociais ou da comunidade? *

Muitas das atividades eram feitas ao ar livre. Este pequeno bosque entre um prédio e outro foram usados para grandes rodas, ginásticas, dinâmicas de relaxamentos, teatro. As capelas tb eram espaços aconchegantes. O C.p.s.f tinha um corredor que ligava um prédio ao outro que ficava de frente ao bosque, que tb favorecia os encontros de integração. Foi construída uma capela redonda toda de vitral e telhado de telhas de barro bancos de madeira, acústica ótima, um espaço místico a muito valorizado por todos que frequentava.

Qual espaço do Santa fé/Vila Gonzaga você mais teve interações sociais? *

Sala de artesanato, grande com grandes janelas de vidro ,tínhamos mesas em forma de balcões e banquetas. Também salas normais sempre onde sempre fazia-se rodas de conversa. As salas tinham nomes de personagens ,, artesanato era Alejandrinho funcionava para muitas atividades encontros e cheias de artes realizadas nas atividades. Todos gostavam de ficar nesta sala batendo papo. Era a mais acolhedora. Sempre fiquei neste espaço por muito tempo.

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

De que forma você acredita que o espaço e as atividades Centro ou a Vila Gonzaga impactavam a comunidade ao redor? *

Do CPSF, saíram muito que fizeram faculdade já estão fazendo a diferença em várias áreas pois são pessoas comprometidas.

O retorno é de reconhecimento e agradecimento feito pelos próprios educandos quando encontramos a comunidade sente falta e cobra a oportunidade que eles tiveram no passado que foi dada pelo Csf.

O que tornava o Centro/Vila Gonzaga único ou especial na sua experiência? Porquê? *

O acolhimento, o espaço com uma natureza belíssima e cuidada, a qualidade de formação dada a todos os educandos e suas famílias.

Quando você pensa no antigo Centro Pastoral/Vila Gonzaga, quais são as imagens ou sensações que surgem na sua memória? *

Lembro da entrada com os corredores de flores e árvores, Pinheiros. Os prédios se completavam com as árvores.

O teatro Mártires de Salvador, também um espaço maravilhoso os corredores que ligam os prédios e refeitório me marcam muito pois eram momentos místicos.

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

Você lembra de algum evento ou atividade ao ar livre no Centro Pastoral/Vila Gonzaga? *

Como esse evento ou atividade era feito nesse espaço?

. Muitos eventos foram realizado, em espaço com pátios entre salas faziam saraus com muito tecidos e flores na decoração.

Exposições e teatros, danças no Espaço Cultural onde tinha um palco. Festa junina foram feitas no campo gramado, fizemos barracas enfeitadas com tecidos usamos lâmpões. Estás marcaram muito a comunidade todas pois eram abertas.

Tínhamos um Olimpíada dos Cca onde todos os Cca e Sj do bairro era convidados para praticarem vários esportes e jogos.

Outro evento importante foi teatro entre os espaços dos prédios no bosque. Usaram os prédios para projetar imagens.

No espaço da Vila Gonzaga tb havia eventos esportivos com aluno do colégio São Luís

Na sua visão, o Centro Pastoral/Vila Gonzaga representava um ponto de encontro ou um refúgio para os moradores? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

Qual foi o impacto da demolição do Santa Fé/Vila Gonzaga nas suas memórias pessoais? *

Catastrófica!! Triste pois o espaço é uma parte da formação interior da mística que tinha aquele lugar. Cada pedacinho daquele verde trás uma paz e uma formação diferenciada. A

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

O que você considera mais triste acerca da perda do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

Eles os Jesuítas não precisavam fazer isso!!

Mas o dinheiro fala mais alto.

Perde este ambiente tão maravilhoso com grandes árvores, todas as azaleia, frutas

Os jovens não teram mais esta possibilidade de esprementar este ambiente e este conhecimento é aprendizado que só os Jesuítas

Como você descreveria para alguém que não conhece como era o antigo do Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga? *

Um lugar de formação de qualidade de conteúdos, vivencias e de paz, e harmonia entre a natureza espaços acolhedores.

Tudo oferecido com carinho para uma qualidade de vida. Respeitando e ouvindo a cada indivíduo com unico.

Gostaria de deixar uma lembrança ou uma foto de um momento especial no antigo espaço do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga .

 Adicionar arquivo

Escreva aqui

Este formulário foi criado em UFERSA.

Google Formulários

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

E-mail *

S.C.

Você frequentou o Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

- ☒ Os dois
- ☐ Apenas o Centro Santa fé
- ☐ Apenas a Vila Gonzaga

Como você conheceu esse ambiente? *

Eu era amiga de uma das filhas da Magda, uma das fundadoras do Projeto. Ela me falava com carinho do espaço onde fazia retiros. Assim que as atividades do Projeto começaram eu me inscrevi no curso de Informática e nunca mais fiquei longe!

Quais eram suas principais atividades ou responsabilidades no antigo espaço? *

De 1996 até 2000 fui educanda. Em 2001 me tornei bolsista e iniciei minhas atividades como educadora.

O que o Centro Pastoral Santa Fé ou a Vila Gonzaga significava para você pessoalmente? *

Qual a importância desse lugar em sua vida?

O Centro Pastoral Santa Fé me trouxe a oportunidade de construir minha vida profissional e também de me abrir para a espiritualidade para além da religiosidade. Vivi o melhor tempo com o lema "Resgatando a História, Construindo Cidadania".

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

Qual era seu espaço preferido e o que te chamava a atenção? *

Meu espaço preferido era o Espaço Cultural. Era lá que as atividades coletivas e para receber a comunidade aconteciam. Cada lugar do Centro Santa Fé tem a minha história!

Como a arquitetura (prédios e espaços de jardim) do Santa Fé/Vila Gonzaga influenciava as suas interações sociais ou da comunidade? *

Como os bairros próximos não contavam com espaços amplos e de uma arquitetura privilegiada, incluindo os espaços amplos das salas, os corredores que davam sempre visão do espaço do jardim com árvores históricas, a capela com seus vitrais e formato octagonal, além do espaço cultural, era possível realizar inúmeras atividades que sempre traziam a contemplação da natureza e o respeito por ela além de atividades culturais e esportivas. O espaço da Vila Gonzaga mesmo que mais simples, também mantinham o mesmo aspecto do Centro Santa Fé. Vale ressaltar que até os espaços dos refeitórios eram apreciados. Nunca mais comi uma batatinha frita como eram feitas pelas cozinheiras dos dois espaços! Destaco também o espaço da recepção e acomodações para os que fariam encontros nos dois espaços sempre oferecendo conforto na simplicidade.

Qual espaço do Santa fé/Vila Gonzaga você mais teve interações sociais? *

Eu vivi 18 anos entre ser educanda e funcionária. Todos os espaços foram intensos de convivência. Mas sempre que ficávamos hospedados podíamos viver intensamente todos os lugares! Destaco mais uma vez o Espaço Cultural como o meu preferido!

De que forma você acredita que o espaço e as atividades Centro ou a Vila Gonzaga impactavam a comunidade ao redor? *

Com o lema Resgatando a História, Construindo Cidadania no Centro Pastoral Santa Fé o projeto impactou milhares de jovens e suas famílias ao atendê-los em suas inúmeras atividades que sempre trabalhavam com os Projetos de Vida para além das atividades fim.

O que tornava o Centro/Vila Gonzaga único ou especial na sua experiência? Porquê? *

A acolhida que o espaço propiciava aos que ali chegavam tanto no que se referia ao espaço físico quanto a preparação das pessoas.

18/03/2025, 09:07

FORMULÁRIO PARA O TRABALHO E CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO-Memórias e coexistê...

Quando você pensa no antigo Centro Pastoral/Vila Gonzaga, quais são as imagens ou sensações que surgem na sua memória? *

Penso que sempre no espaço repleto de jovens. Vem a memória as inúmeras atividades em que participei como educanda e também como educadora que depois pode participar inclusive da elaboração de projetos.

Você lembra de algum evento ou atividade ao ar livre no Centro Pastoral/Vila Gonzaga? Como esse evento ou atividade era feito nesse espaço? *

São inúmeras as atividades de que me recordo! Desde o curso de informática e o cursinho pré-vestibular do qual participei, até das atividades com os adolescentes do Formação de Lideranças Juvenis e suas muitas oficinas. Mas a que mais marcou, inclusive a comunidade, eram as Festas Juninas / Quermesses! Não houve nenhuma outra como as que eram feitas lá no espaço! Eram centenas de pessoas que esperavam o final de semana que a festa acontecia! Tinha de tudo!!! Comida boa, apresentações culturais, a fogueira e muitas brincadeiras... inesquecível! Todos ajudavam nessa festa enorme!

Na sua visão, o Centro Pastoral/Vila Gonzaga representava um ponto de encontro ou um refúgio para os moradores? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

Qual foi o impacto da demolição do Santa Fé/Vila Gonzaga nas suas memórias pessoais? *

Eu ainda não fiz esse processo de "demolição". Penso que o Espaço foi tão importante no que me tornei que não consigo pensar na inexistência daquele lugar de tanta importância. Mesmo já tendo sido convidada para ir até o local com a nova arquitetura, nunca fui. Ainda não consegui.

O que você considera mais triste acerca da perda do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga? *

Perdemos um espaço dessa vivência coletiva, de organização de luta, da história e de sua transformação na vida de milhares de jovens.

Como você descreveria para alguém que não conhece como era o antigo do Centro Pastoral Santa Fé/Vila Gonzaga? *

Era o Espaço onde você era recebido desde a chegada ao portão que se abriam para um espaço verde, com gente que trabalhava para manter esse lugar bonito para que você vivesse uma experiência de autonomia, valorização, espiritualidade e profissionalismo. O Santa Fé e a Vila Gonzaga eram o que Marisa Monte cantou em Vilarejo:

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá
Por cima das casas, cal
Frutos em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonho semeando o mundo real
Toda gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os destinos
E essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

Gostaria de deixar uma lembrança ou uma foto de um momento especial no antigo espaço do Centro Santa Fé/Vila Gonzaga .

 2023-01-17 (1) - ...

 CPSF 001 - Sara...

 CPSF, dia de con...

 CPSF, dia de con...

 DSC00174 - Sara...

 IMG_0128 - Sara...

 IMG_0290 - Sara...

 IMG_0323 - Sara...

 trabalho - Sarah ...

 DSC00190 - Sara...

 Adicionar arquivo

Escreva aqui

Estou feliz com o trabalho que está realizando e gostaria de ver quando estiver finalizado. Parabéns!

Este formulário foi criado em UFERSA.

Google Formulários

ANEXO A- Letra Marisa Monte, Vilarejo

18/03/2025, 09:22

Vilarejo - Marisa Monte - LETRAS.MUS.BR

Vilarejo
Marisa Monte

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão

Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá

Por cima das casas, cal
Frutas em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonhos semeando o mundo real

Toda gente cabe lá
Palestina, Xangri-Lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas
Ficam sempre abertas
Pra sorte entrar

Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos
Os destinos e essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão

Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá

18/03/2025, 09:22

Vilarejo - Marisa Monte - LETRAS.MUS.BR

Por cima das casas, cal
Frutas em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonhos semeando o mundo real

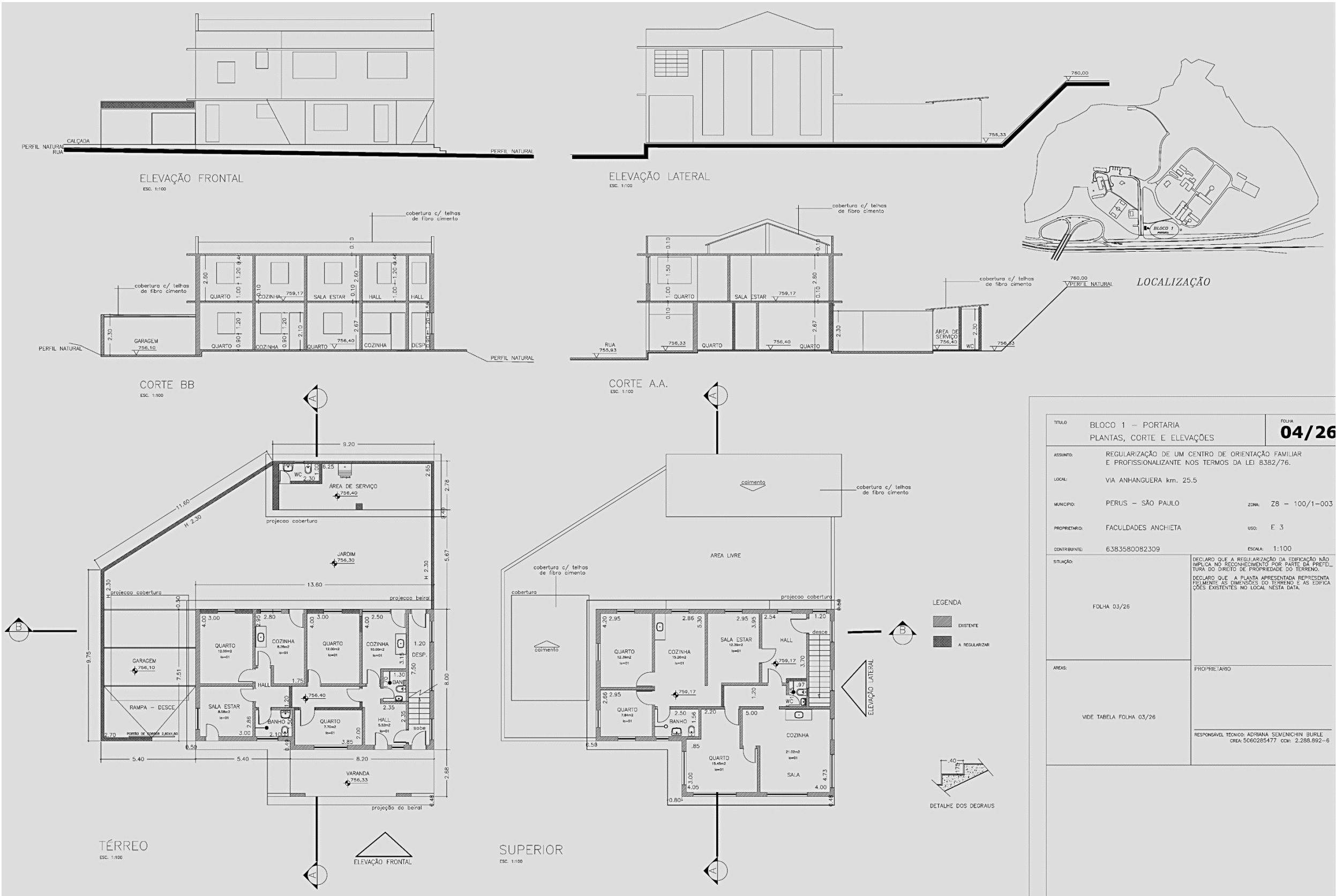
Toda gente cabe lá
Palestina, Xangri-Lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas
Ficam sempre abertas
Pra sorte entrar

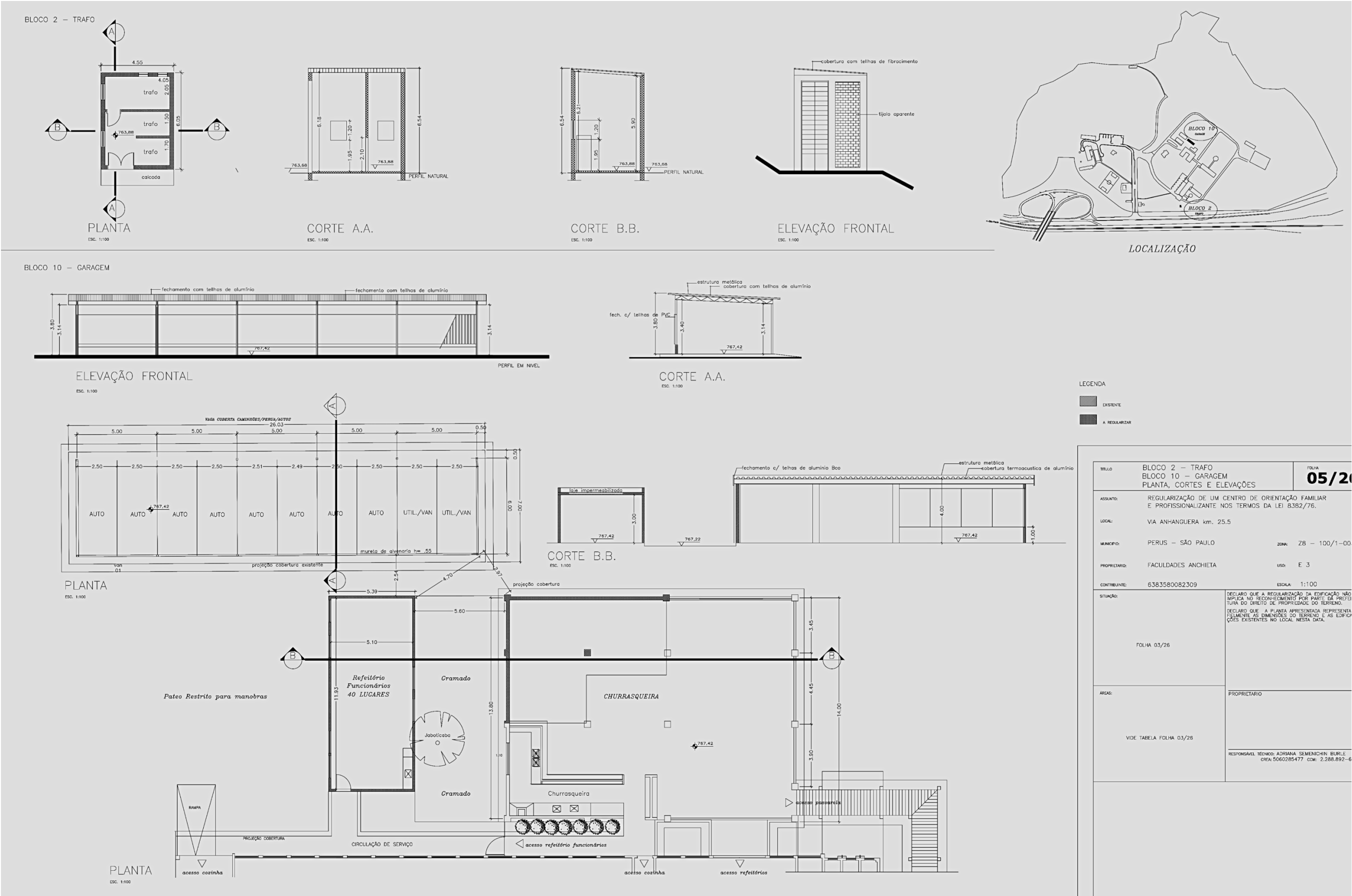
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos
Os destinos e essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

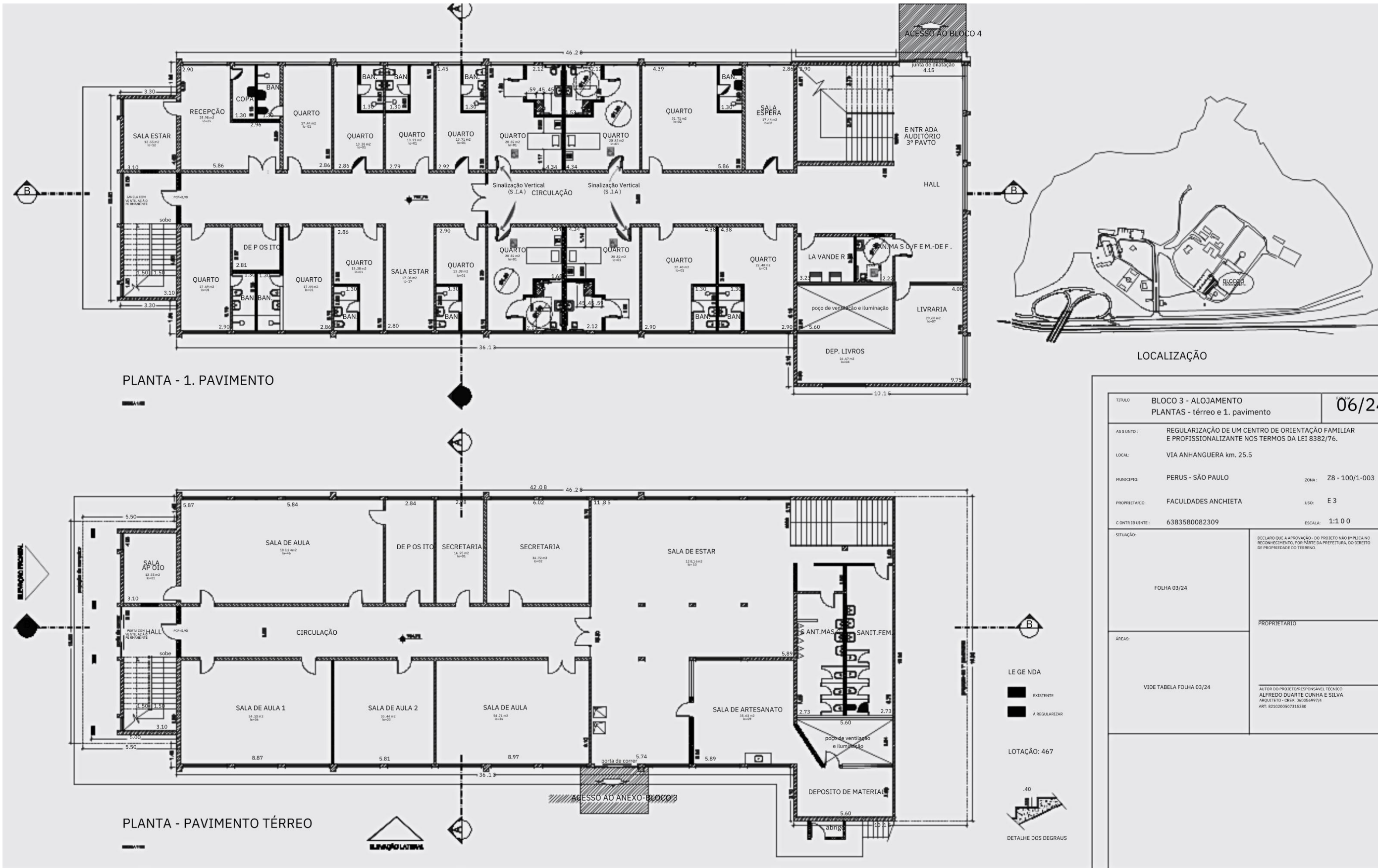
Composição: Arnaldo Antunes / Carlinhos Brown / Marisa Monte / Pedro Baby.

ANEXO B ¹– PLANTAS CORTES E FACHADAS DOS BLOCOS DO COMPLEXO



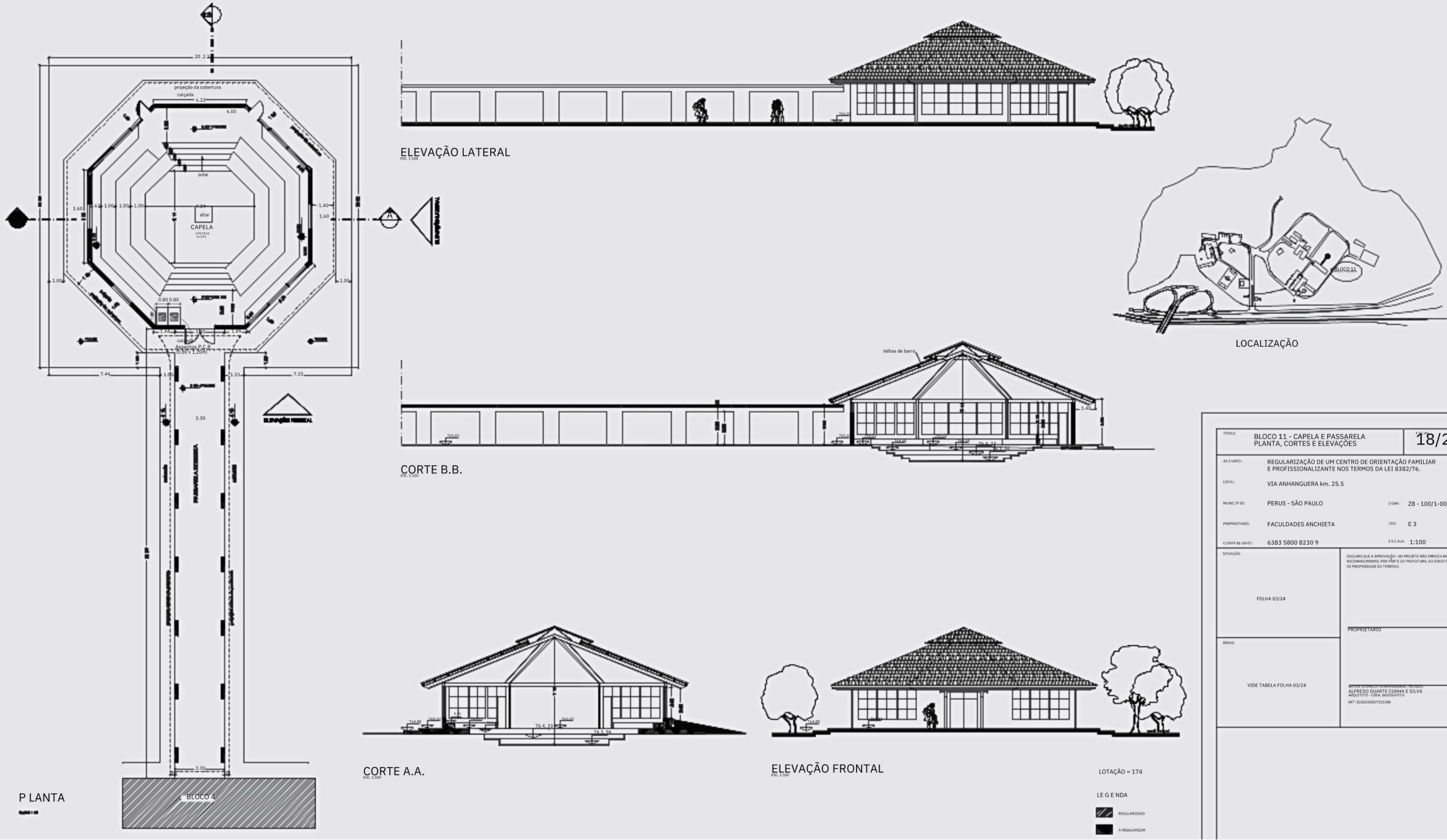
¹ Nenhuma das pranchas do ANEXO A estão no tamanho original da sua folha, que é A1, por isso as figuras deste anexo não se encontram na escala indicada no carimbo.

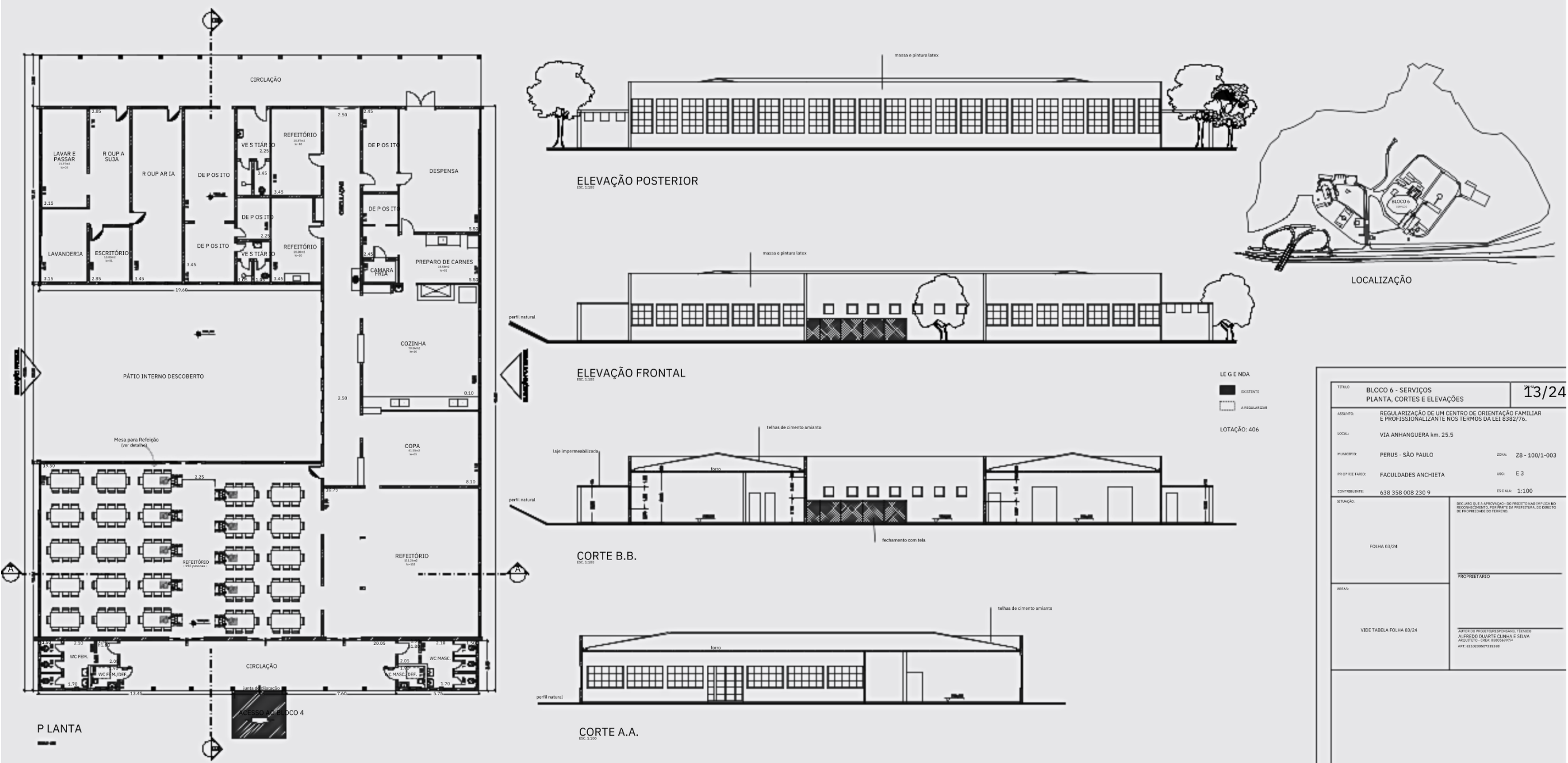


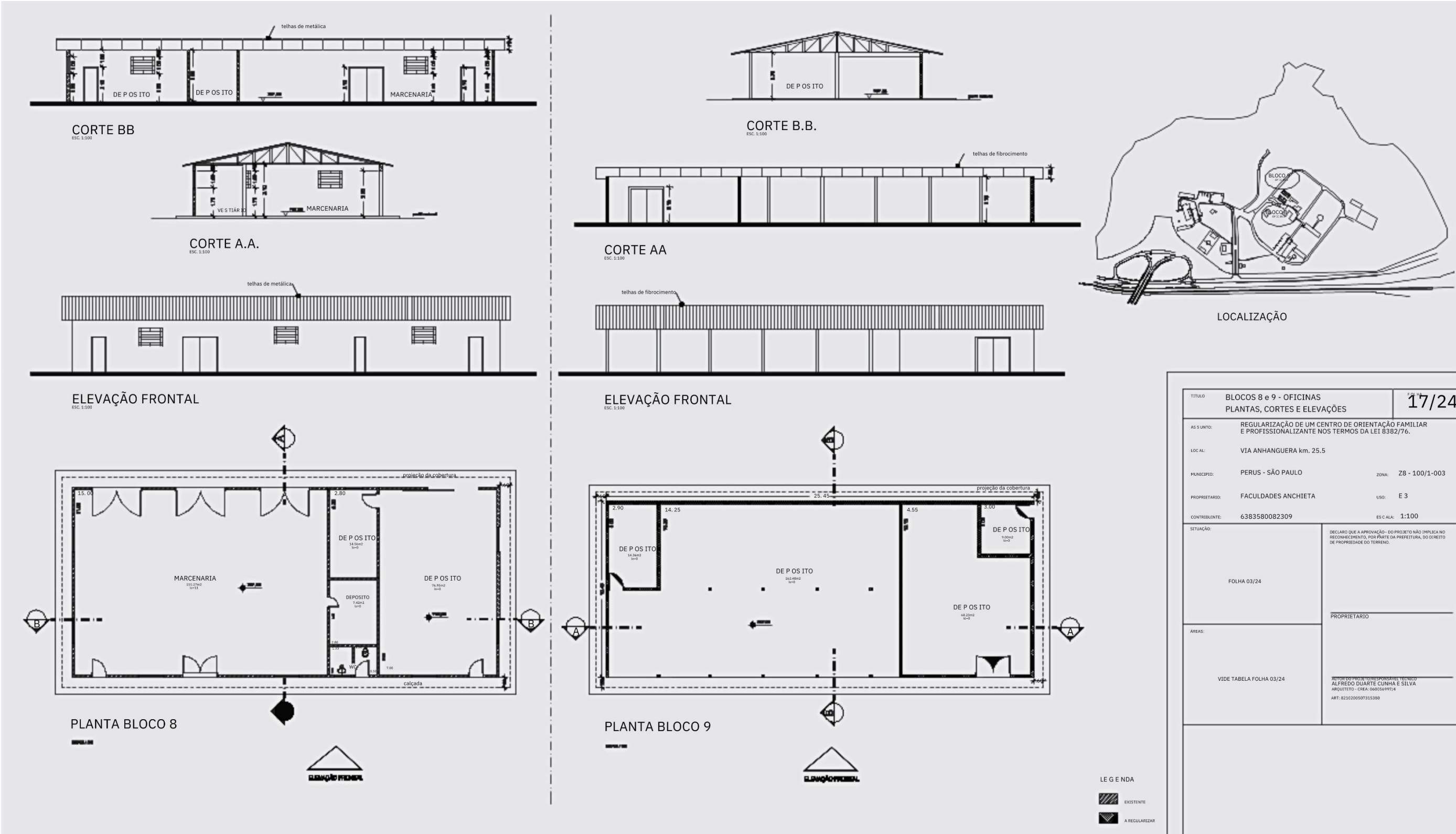




TÍTULO		BLOCO 12 - SALÃO PLANTAS, CORTES E ELEVAÇÕES		19/24	
ASSUNTO		REGULARIZAÇÃO DE UM CENTRO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR E PROFISSIONALIZANTE NOS TERMOS DA LEI 8382/76.			
LOCAL		VIA ANHANGUERA km. 25.5			
MUNICÍPIO		PERUS - SÃO PAULO		ZONA: 78 - 100/1-003	
PROPOSTA Nº		FACULDADES ANCHIETA		USO: E 3	
CONTINÚO Nº		6383580082309		ESCALA: 1:100	
SITUAÇÃO		FOLHA 03/24		DECLARO QUE A APROVAÇÃO DO PROJETO NÃO IMPLICA NO RECONHECIMENTO, PÓS-TERO APROVAÇÃO, DO DIREITO DE PROPRIEDADE DO TERRENO.	
ÁREA:		FOLHA 03/24			
VIDE TABELA FOLHA 03/24		PROPRIETÁRIO ALFREDO DUARTE CUNHA E SILVA ANQUÊTUA - CREA 0605499714 ART. 827-02/09567153308			







BLOCO 17 - ALA FUNCIONAL



FACHADA 01



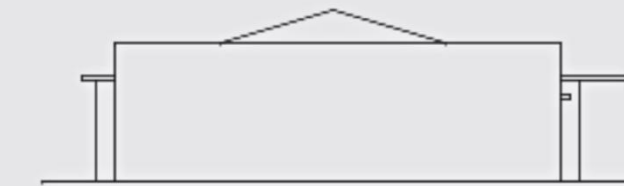
FACHADA 02



CORTE AA



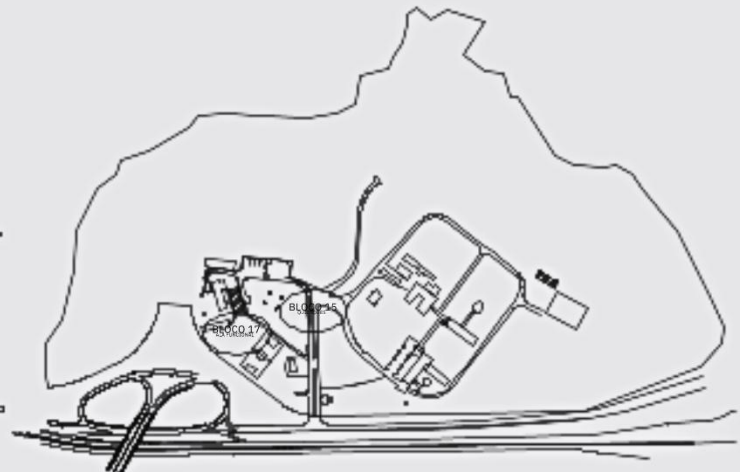
FACHADA 03



FACHADA 04



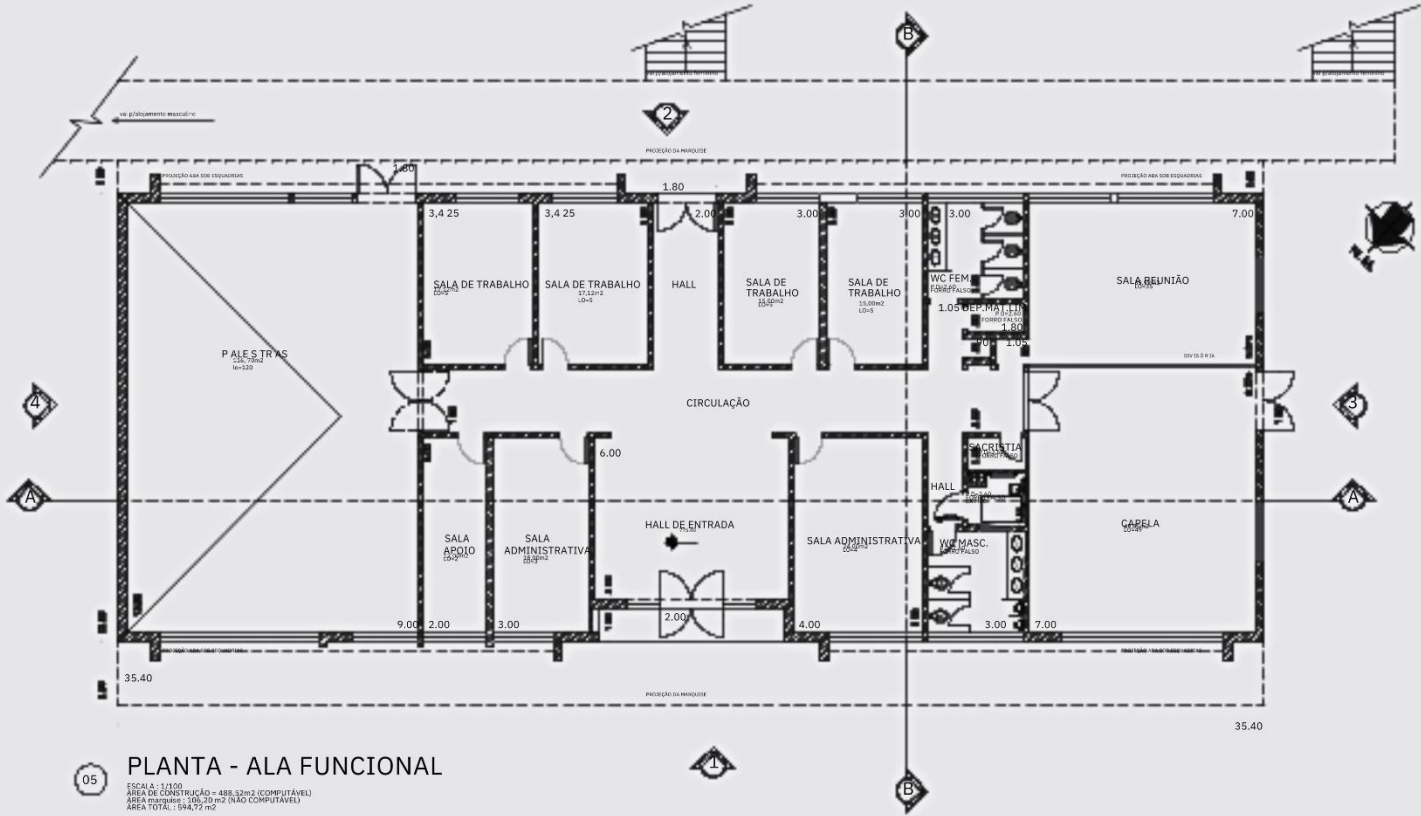
CORTE BB



LOCALIZAÇÃO

LEG E NDA

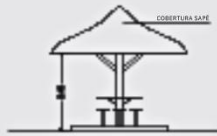
- EXISTENTE
- A REGULARIZAR



PLANTA - ALA FUNCIONAL

ESCALA: 1:100
ÁREA DE CONSTRUÇÃO = 488,32m² (COMPUTÁVEL)
ÁREA TOTAL = 544,72m²

BLOCO 15 - QUIOSQUES



Corte A-A (Bloco 15 - Quiosque)



Planta do Pav. Térreo (Bloco 15 - Quiosque)

PLANTA - QUIOSQUE

ESCALA: 1:100
ÁREA DE CONSTRUÇÃO = 4 QUIOSQUES x 8,825 = 35,30 m² (COMPUTÁVEL)

TÍTULO		FOLHA	
BLOCO 17 - ALA FUNCIONAL-PALESTRAS BLOCO 15 - QUIOSQUES PLANTA, CORTES E FACHADAS		22/24	
ASSUNTO:	REGULARIZAÇÃO DE UM CENTRO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR E PROFISSIONALIZANTE NOS TERMOS DA LEI 8382/76.		
LOCAL:	VIA ANHANGUERA km. 25.5		
MUNICÍPIO:	PERUS - SÃO PAULO	ZONA:	ZB - 100/1-003
PROPRIETÁRIO:	FACULDADES ANCHIETA	USO:	E 3
CONTRIBUÍVEL:	63835800823 09	ESCALA:	1:100
SITUAÇÃO:		DECLARO QUE A APROVAÇÃO DO PROJETO NÃO IMPLICA NO RECONHECIMENTO, POR PARTE DA PREFEITURA, DO DIREITO DE PROPRIEDADE DO TERRENO.	
FOLHA 03/24		PROPRIETÁRIO	
ÁREAS:		AUTOR DO PROJETO/RESPONSÁVEL TÉCNICO ALFREDO DUARTE CUNHA E SILVA ARQUITETO - CREA: 040056199/04 ART: 8210200507315380	
VIDE TABELA FOLHA 03/24			

